



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

THAYSE CATARINA DANIEL

ENTRE DOIS MUNDOS:

O Sincretismo religioso no mito arthuriano

FLORIANÓPOLIS,

2014.

THAYSE CATARINA DANIEL

**ENTRE DOIS MUNDOS:
O Sincretismo religioso no mito arthuriano.**

Monografia apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, para obtenção do grau em História – Licenciatura e Bacharelado.

Orientadora: Prof^a. Dra. Aline Dias da Silveira.

FLORIANÓPOLIS,
2014.

*À minha mãe e noivo, que sempre estiveram
ao meu lado em todas as batalhas.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas, no Laboratório Meridianum do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientadora e Presidente, pela Professora **Elisa Paula Marques**, Titular da Banca, e pelo Professor **Adriano da Silva Denovac**, Suplente, designados pela Portaria nº45 /TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Thayse Catarina Daniel**, subordinado ao título: “**Entre Dois Mundos: o sincretismo religioso no mito arthuriano**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesmo foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final 9,5, da Professora **Elisa Paula Marques**, a nota final 9,0, e do Professor **Adriano da Silva Denovac**, a nota final 10,0; sendo aprovada com a nota final 9,5. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História, até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.^a **Aline Dias da Silveira** *Aline Dias da Silveira*

Prof.^a **Elisa Paula Marques** *Elisa Paula Marques*

Prof. **Adriano da Silva Denovac** *Adriano S. Denovac*

Candidata **Thayse Catarina Daniel** *Thayse C. Daniel*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Nilza Catarina Nazário, que me ensinou tudo o que sei e que sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis dessa caminhada, mas, principalmente, pelo amor incondicional e desmedido. Obrigada por ser a melhor mãe do mundo. Te amo!

Ao meu noivo, Luiz Felipe Amorim, por me aturar em todos os momentos e por participar de todas as minhas aventuras. Obrigada por me tornar uma pessoa melhor, por acreditar em meus sonhos e por me apoiar nas minhas mais variadas maluquices. Te amo!

Aos meus amigos e companheiros de jornada: Fabíola Mary Daniel, Mariana Ferreira e Rafael do Nascimento. Agradeço por estarem comigo nessa caminhada e a dividirem todas as vitórias.

Aos professores do curso de História dos quais tive o prazer de conhecer e que muito influenciaram na minha formação. Entre eles destaco: Elison Antonio Paim, Maria de Fátima Fontes Piazza, Renata Palandri Sigolo Sell, Hermetes Reis de Araújo, João Klug e Waldir José Rampinelli.

À minha orientadora, Aline Dias da Silveira, pela paciência e conselhos preciosos. Foi graças a você e as suas aulas maravilhosas que me embrenhei por essa demanda. Obrigada por tudo!

E a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui!

RESUMO

Por ser um dos mitos mais importantes e difundidos no período medieval, as histórias sobre o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda foram um dos meios que o Cristianismo utilizou em seu sincretismo religioso para converter a cristandade latina. Ao analisar algumas fontes literárias pertencentes aos séculos XII e XIII, notamos alguns símbolos utilizados para esse objetivo – a Espada, Távola Redonda, Graal e Lança. As fontes utilizadas para esse trabalho – *A Morte de Artur*, *Perceval ou O Romance do Graal*, *Parzival* e *A Demanda do Santo Graal* – por fazerem parte de uma literatura já cristianizada, tornou a evidência desse sincretismo mais cristalino. Isso possibilitou ver como se deu esse processo, além da influência que essa religião exerceu sobre o mito.

Palavras-Chave: Sincretismo Religioso, Mito Arthuriano, Cristianismo, Símbolos, Idade Média, Cristianização, Imaginário.

ABSTRACT:

As one of the most important and widespread myths in the medieval period, the stories about King Arthur and the Knights of the Round Table were one of the means that Christianity used in its religious syncretism to convert the Latin Christendom. In dealing with some literary sources belonging to the twelfth and thirteenth centuries, we note some symbols used for this purpose - the Sword, Round Table, Grail and Spear. The sources used for this work – *A Morte de Artur*, *Percival ou O Romance do Graal*, *Parzival e A Demanda do Santo Graal* – to be part of a literature already Christianized, the evidence about this syncretism has become more crystalline. This made it possible to see how this process took place, and the influence that religion had on the myth.

Keywords: Religious syncretism, Arthurian myth, Christianity, symbols, Middle Ages, Christianization, Imaginary.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:	9
1. O Cristianismo e o Romance de Cavalaria	15
1.1. A Expansão do Cristianismo na Europa	15
1.2. O Romance de Cavalaria – O Ciclo Arthuriano.....	17
1.3. Epifania do Sagrado em objetos Profanos	22
2. A Espada e o Início da Jornada de Arthur	25
2.1. O Chamado da Aventura	25
2.2. As Espadas de Arthur	29
3. A Távola Redonda e a União de um Reino	34
3.1. Camelot: A União de um Reino.....	34
3.2. A Távola Redonda e o Assento Perigoso/Vago	36
4. O Graal e o Mundo Espiritual	43
4.1. O Outro Mundo	43
4.2. Em busca do Graal	46
4.3. O Sacrifício de Arthur	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	57
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	61
Fontes Primárias:.....	61
Fontes Secundárias:.....	61

INTRODUÇÃO:

Quando imaginamos a Idade Média, pensamos em cavaleiros de armaduras reluzentes, donzelas em perigos, dragões e belos castelos. Por conta disso, o Medieval é visto, muitas vezes, de forma romancada e, por conseguinte, estereotipada e que nem sempre corresponde a complexidade do próprio período. Basta darmos uma lida nas histórias sobre os feitos de Carlos Magno, Robin Hood, Ricardo Coração de Leão ou mesmo do Rei Arthur¹ para depararmos com reinos mágicos ou aventuras incríveis e fantásticas.

Essas histórias percorrem o imaginário tanto histórico como literário há muito tempo – já que ambos se aproximam². Com o Rei Arthur não é diferente: a história de um chefe guerreiro bretão que ajudou na defesa de seu povo contra os saxões no século VI foi o suficiente para estimular o imaginário popular durante a Idade Média, que, em uma época onde a leitura e a escrita eram privilégio de poucos, foi muito enriquecida pela tradição oral, o que acabou contribuindo para que, séculos mais tarde, houvesse uma crescente produção literária com textos em versos ou em prosa centrados em Arthur.

A figura do Rei Arthur aparece, primeiramente, na obra de Nennius, *Historia Brittonum* (História dos Bretões) escrita por volta do ano 800, que destaca Arthur como esse chefe guerreiro que teve papel fundamental nas batalhas entre os bretões e os saxões no século VI. Já no século XII, a história de Nennius ganha novos contornos na obra *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis da Bretanha) escrita entre 1135-1138 por Geoffroy de Monmouth onde retrata Arthur como um rei invencível, com terras que iam da Escandinávia a Roma³. Essa obra foi colocada em versos por Robert Wace em seu *Roman de Brut* em 1155. Nela, além de mais destaque para o Rei Arthur, Wace insere a figura da Távola Redonda, como também o amor cortês⁴.

¹ Nesse trabalho será utilizada a grafia latina para o nome de Arthur.

² Segundo Pesavento, “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História & literatura: uma velha-nova história”. *Nuevo mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso dia 23.05.2014.

³ AMIM, Mônica. “O mito arturiano em seus diversos momentos”. *Augustus*, v. 6, n. 12, jan./jun. 2001, Rio de Janeiro, p. 66.

⁴ FURTADO, Antonio L. *Aventuras da Távola Redonda: estórias medievais do Rei Artur e seus cavaleiros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 15.

Essas obras, segundo Furtado, tratam da Matéria da Bretanha⁵ em sua primeira fase (que o autor chama de crônicas pseudo-históricas⁶), ou seja, quando os relatos tinham uma aparência verdadeira, mas que, mesmo assim, figuras como Merlim ou a Ilha de Avalon ajudaram a transformar a história em lenda. A segunda fase seria a dos romances de cavalaria⁷, onde o foco principal deixa de ser no Rei Arthur e passa para os cavaleiros da Távola Redonda. A terceira e última fase seria a das “estórias exemplares”⁸, na qual as aventuras em si não são tão importantes: o que importa, nesse momento, é a virtude do herói que sai nessas aventuras. Aqui, também, o tema do Santo Graal é inserido⁹.

Nessa fase, nota-se uma forte influência do cristianismo. A Europa começou a se cristianizar com a conversão de Constantino em 312¹⁰, mas nas ilhas britânicas, segundo Baschet¹¹, é preciso esperar até a obra de Beda, o Venerável¹² para que a Bretanha insular¹³ seja “uma terra cristã” – mesmo assim, um cristianismo carregado de influências e características pagãs. No final do século V e início do VI, o cristianismo é uma religião pertencente, praticamente, às cidades. Nesse sentido, as outras religiões não cristãs eram consideradas pagãs, pois pagão era o termo utilizado para designar o homem do campo – o camponês. Para se fortalecer frente a essas outras religiões, o cristianismo buscou seus alicerces no mundo rural.

Com isso, muitas culturas acabaram sendo reinventadas. E a história de Arthur acabou se transformando para aceitar os valores da Igreja. Isso não quer dizer que o mito deixou de ter elementos fantásticos, pagãos ou druídicos. Pelo contrário, ao ser “cristianizado”, esses elementos foram apenas ressignificados. Isso ocorre porque o que é cristão é o autor ou compilador que escreve/transcreve a obra e não o mito em si¹⁴.

Nesse trabalho, as histórias envolvendo o Rei Arthur serão consideradas como mito visto que essas narrativas normatizam a vida na sociedade – no caso, a medieval. Como

⁵ Matéria da Bretanha é o nome dado a um conjunto de narrativas centradas na figura do rei Arthur e de seus cavaleiros. Essa tradição literária foi muito difundida na França entre os séculos XII e XIII.

⁶ FURTADO, *Op. Cit.* p. 26.

⁷ *Idem*, p. 27.

⁸ *Idem*, p. 29

⁹ *Idem*.

¹⁰ VAYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

¹¹ BASCHET. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. p. 62.

¹² A obra a qual se refere é a “História eclesiástica do povo inglês”, escrita por volta de 731.

¹³ Hoje, Inglaterra.

¹⁴ DONNARD, Ana. “As fontes primárias para o estudo do mito arturiano: breves considerações metodológicas sobre a Historia Brittonum”. *Fontes – Série de Estudos Medievais*, v. 2, 2009, p. 1-18.

Mircea Eliade nos diz: “os romances da Távola Redonda estabelecem uma nova mitologia, no sentido de que divulgam sua ‘história sagrada’ e os modelos exemplares que devem guiar o comportamento dos cavaleiros e dos enamorados¹⁵”. Ou seja, a história do Rei Arthur torna-se mito, pois se trata da busca do herói pelo mundo do além – pelo mundo de Deus ou dos Deuses. O mito também traz a “epifania do sagrado num objeto profano¹⁶”. Isso quer dizer que, mesmo com a conversão ao cristianismo, o legado pagão não foi suplantado: essa conversão deu apenas lugar a simbioses e sincretismos religiosos¹⁷.

Pensando nisso e levando em conta que os trabalhos realizados com essa temática não tratam desses elementos pagãos cristianizados, procuro nessa pesquisa esclarecer a seguinte questão: como o cristianismo utilizou-se dos símbolos da Espada, da Lança, do Graal e da Távola Redonda em seu sincretismo religioso para cristianizar o ocidente, melhor dizendo, a cristandade latina?

As escolhas desses símbolos não se deu de forma aleatória. Nessas narrativas, eles aparecem fortemente entrelaçados com a doutrina cristã, principalmente no que diz respeito à demanda pelo Graal e a virtude dos cavaleiros que partem nessa busca. A princípio, esses elementos podem parecer desconexos entre si, mas ao longo do mito nota-se como o imaginário cristão utilizou-os para suplantare o imaginário pagão sem que houvesse uma ruptura nesse sistema de crenças que os celtas acreditavam.

Para isso, a pesquisa terá como aporte teórico a História do Imaginário¹⁸, que desde as últimas décadas do século XX passou a ser valorizado pela História. Intrinsecamente envolvido com a Nova História Cultural – ou Nova História francesa – e com uma História das Mentalidades, seu estudo ultrapassa as fronteiras da História, envolvendo-se com a Antropologia e a Filosofia¹⁹, num caráter necessariamente pluridisciplinar²⁰.

¹⁵ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas, volume 3: de Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 105

¹⁶ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas, volume 2: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 313

¹⁷ ELIADE. *História das crenças e das ideias religiosas, volume 3. Op. cit.* p. 211.

¹⁸ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: LEACH, Edmund et alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 268-332.

A história do imaginário estuda, essencialmente, as imagens visuais produzidas pelas sociedades e também suas imagens verbais e mentais. Ou seja, imagens guardadas no inconsciente tanto de uma sociedade como de um grupo social.

A história do imaginário tem uma interface com o campo das “representações” e também com os “símbolos”. No campo das representações, o imaginário expressa, atribui e evoca algo não explícito e não presente. Isto é, envolve uma relação entre significantes (imagens) com seus significados (representações)²¹. Segundo Pesavento, a compreensão do imaginário como função criadora se constrói através da via simbólica, ou seja, “através da imaginação simbólica, diz-se ou se mostra uma coisa ou uma ideia através da outra²²”.

Essa pesquisa, cujo tema é o sincretismo religioso no mito arthuriano, se insere na História do Imaginário por tratar de um mito do qual foi utilizado pelo cristianismo para se fortalecer frente a outras religiões. Melhor dizendo, o cristianismo utilizou-se das imagens visuais, mentais e verbais que a sociedade produziu do Rei Arthur para poder transmitir a sua doutrina.

Para desenvolver tal pesquisa, inevitavelmente, adentrarei ao domínio da História das Religiões. Com a Nova História, a História das Religiões deixou de estar isolada dos outros campos de saber, o que acabou contribuindo para uma multiplicidade de abordagens, centradas tanto no campo da “cultura” como do “imaginário”.

Referente ao imaginário religioso, a pesquisa busca tratar a representação do sagrado. Em uma época em que a sociedade era regida pela religião, sinto a necessidade de adentrar nesse domínio para melhor entender o contexto a ser pesquisado como também o próprio significado de mito. Ou seja, compreender a crença depositada nos símbolos pesquisados como algo pertencente ao divino.

Para desenvolver a temática, utilizarei como fontes as obras: *Percival ou O Romance do Graal*²³; *Parsifal*²⁴; *A Morte De Artur*²⁵ e *A Demanda do Santo Graal*²⁶.

²¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário” *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27.

²² *Idem*, p. 22.

²³ TROYES, Chrétien de. *Percival ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²⁴ ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. São Paulo: Antroposófica, 1995.

²⁵ MALORY, Thomas. *A Morte de Artur*. Brasília, DF: Thot, 1987.

Utilizarei nesse trabalho obras literárias, pois a literatura é uma fonte privilegiada pelo historiador visto que o ajuda a ter acesso ao imaginário de determinada época. Para a autora Sandra Pesavento, muitas vezes ao buscar o que “teria acontecido” no passado, o historiador utiliza dos recursos da imaginação, mas que esse atributo de ficção fica a cargo da literatura – deixando para a História a “verdade”²⁷. Apesar da escrita da História ser comparada com a escrita da Literatura é fundamental ter em conta que

[...] os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem, ambos, sentidos e significados inscritos no tempo. Entretanto, as narrativas histórica e literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação.

O trabalho será dividido em quatro capítulos: “O Cristianismo e o Romance de Cavalaria”; “A Espada e o Início da Jornada de Arthur”; “A Távola Redonda e a União de um Reino” e “O Graal e o Mundo Espiritual”.

No primeiro capítulo, será analisado o contexto de expansão do Cristianismo, a cristianização das Ilhas Britânicas juntamente com o Romance de Cavalaria – principalmente o ciclo arthuriano – e o universo da sacralização da Cavalaria e o ritual de investidura do cavaleiro medieval, ressaltando o simbolismo presente na Matéria da Bretanha. Nesse capítulo, também será tratado a sobreposição da crença cristã sobre a pagã, mostrando como se dá essa manifestação de algo sagrado em um objeto considerado profano – utilizando como base Bourdieu para explicar como uma hierofania torna-se um símbolo para manifestar o sagrado.

O segundo capítulo – e os capítulos a partir deste – trará o seguinte desenvolvimento: será relacionado a simbologia do objeto analisado juntamente com a jornada do herói. Assim, esse capítulo iniciará com a história de Arthur e o princípio de sua jornada até conseguir se tornar rei. A Espada entrará nesse contexto, visto que ele se torna rei quando retira a espada da pedra. Como o herói em questão possui mais de uma espada ao longo de sua jornada, a

²⁶ A *DEMANDA do Santo Graal*. Organizado e atualizado do português Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁷ PESAVENTO, “História & Literatura: uma velha-nova história”. *Op. cit.*

questão simbólica destas será analisada conforme seus significados para os celtas²⁸ e para o cristianismo.

No terceiro capítulo será tratado a luta de Arthur para manter o reino forte e unido, ressaltando, em relação à jornada do herói, a importância da Távola Redonda para fundamentar essa unidade. Ainda sobre a Távola Redonda, será analisada a sua relação com a Mesa da Santa Ceia do Cristianismo e o simbolismo presente no assento perigoso ou vago. Além disso, esse capítulo trará uma discussão sobre os princípios de igualdade da cavalaria e como a Igreja utilizou-se dessa instituição para apaziguar a violência dessa classe de guerreiros.

O quarto e último capítulo é destinado à jornada do herói ao Outro Mundo e o seu retorno. Como o Graal está diretamente relacionado ao mundo espiritual, tal assunto será abordado de forma a compreender como se dá a sua simbologia na cultura celta e na cultura cristã. Será abordada também a demanda que os heróis têm que empreender para alcançar o Graal, além de trazer o simbolismo que envolve a Lança que Sangra e a sua relação com este. O capítulo abarca, ainda, a influência do Cristianismo e, por conseguinte, da Igreja nas obras analisadas. Para encerrar, traz o desfecho da Jornada de Arthur e o seu sacrifício para com o reino de Camelot.

²⁸ Civilização que se desenvolveu, praticamente, em toda a Europa medieval, chegando até a Península Arábica, os Celtas não são um povo coeso: subdividem-se em bretões, gauleses, belgas, entre outros. In: POWELL, T. G. E. *Os Celtas*. Lisboa: Verbo, 1974.

1. O Cristianismo e o Romance de Cavalaria

1.1. A Expansão do Cristianismo na Europa

A história do Cristianismo começa alguns séculos antes do que chamamos de Idade Média – período que compreende os séculos de V a XV. Mas, desde que Nero governava o Império Romano – de 54 a 68 d. C. – os cristãos foram perseguidos, presos e torturados por defenderem e adorarem um deus único. Conseqüentemente, as perseguições ocorriam, pois estes se recusavam a reconhecer os deuses de Roma e oferecer sacrifícios a essas divindades – o que caracterizava um comportamento perigoso e insurgente. Além disso, esses cristãos também rejeitavam o culto ao Imperador, o que correspondia a uma ameaça não apenas ao culto em si, mas também para o próprio Império.

Em um momento onde o panteão romano era composto por vários deuses – entre eles Júpiter, Marte, Minerva e Mercúrio – a adoração de apenas um deus causava espanto e atraía pessoas influentes de Roma e cidades vizinhas em busca dos ensinamentos de Cristo e dos sacramentos da Igreja. O Imperador Constantino foi um dos que se converteram a fé cristã. A conversão de Constantino veio na noite de véspera da Batalha de Ponte Mílvio (28 de outubro de 312) quando o Deus dos cristãos apareceu em seu sonho prometendo a vitória caso ele anunciasse publicamente a sua nova religião²⁹. Seu capacete e os escudos dos soldados foram marcados com o símbolo revelado em sonho – o crisma – formado pelas duas primeiras letras do nome de Cristo³⁰. Constantino conseguiu a vitória e, transformada em religião do imperador, o Cristianismo recebeu um amplo favorecimento, diferentemente do paganismo. Isso não significa que, a partir dessa data, o Império tornou-se cristão: com duas religiões, este se manteve bipolar até o final do século IV, quando o Cristianismo passou a ser, então, a religião oficial.

Um dos principais motivos para a ascensão do cristianismo durante o Império Romano foi o seu caráter sintético³¹: ao incorporar elementos oriundos de diversas religiões, como o Judaísmo, o Zoroastrismo, Gnosticismo, entre outros, torna-se uma doutrina mais universal do

²⁹ VAYNE. *Op. Cit.*

³⁰ Letras gregas X e P, cruzadas e sobrepostas.

³¹ O termo sintético, aqui, é utilizado no sentido de junção. Ou seja, o Cristianismo aproveitou o que há de melhor nessas outras religiões para compor a sua.

que outras mais antigas. Não podemos esquecer o caráter político dessa ascensão. Com Constantino, o “velho Estado romano” – que era formado pelo Senado e pelo povo de Roma – foi substituído por uma “monarquia pela graça de Deus”, que deveria governar tanto o Oriente como o Ocidente³². Ao pretender unificar o Império em um só Imperador³³ e em um só Deus, Constantino vê na Igreja um instrumento admirável para sustentar o seu governo. Nas palavras de Paul Veyne, “Constantino não pôs o altar a serviço do trono, mas o trono a serviço do altar; considerou os objetivos e o progresso da Igreja uma missão essencialmente do Estado³⁴”. Ou seja, Constantino tornou-se senhor da Igreja, regendo-a e beneficiando-a.

Mesmo com a queda do Império Romano em 474, o Cristianismo continuou pertencente às cidades, difundido nas classes urbanas. Por conta disso, as religiões não cristãs eram consideradas pagãs, pois pagão era o termo utilizado para designar o homem do campo – o camponês. Ao penetrarem e se estabelecerem no Império Romano, os povos “bárbaros” – muitos ainda pagãos ou convertidos ao arianismo – perceberam a força que a religião cristã possuía, e alguns reis se converteram, como o caso de Clóvis, rei dos francos, que se batizou juntamente com três mil soldados de seu exército³⁵.

Aos poucos, o Cristianismo ganhou terreno e se expandiu por toda a Europa Ocidental e, ao adentrar o interior, buscou seu alicerce no mundo rural. Nas ilhas britânicas, essa religião não era novidade, visto que este território fazia parte da dominação romana. Mas é apenas no século VI que esta religião passa a ser exclusiva nas Ilhas. Mesmo assim, o passado pré-cristão ainda persiste com força, dando lugar a uma mistura de culturas: a romano-cristã e a celta³⁶. Mesmo com a conversão ao Cristianismo, o legado pagão não foi suplantado. Essa conversão deu apenas lugar a simbioses e sincretismos religiosos³⁷. Um exemplo disso são as rezas: muitas vezes utilizadas para curar, essas orações eram, frequentemente, confundidas com feitiços ou magias – principalmente quando estas não eram feitas por alguém ligado a Igreja³⁸. Mesmo com a presença da Igreja nas Ilhas Britânicas, a herança pagã continua viva, mas com outros resignificados, como é o caso das fontes ou poços que passaram a ser, então, atribuídas a santos católicos.

³² ROSTOVITZ, Michael. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

³³ No século IV, o Império Romano era governado por quatro coimperadores: dois no ocidente e dois no oriente. In: DIRKSEN, Valberto. *Paganismo e Cristianismo em Roma no século IV*. Porto Alegre, RS: Metrópole, 2007.

³⁴ VEYNE, Paul. *Op. cit.* p. 110-111.

³⁵ BASCHET. *Op. Cit.*

³⁶ *Idem.*

³⁷ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas, volume 3, Op. Cit.*

³⁸ THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

A Cristianização da Europa não foi rápida nem fácil e muitos lugares convertidos a fé cristã, depois de algum tempo, retornavam ao seu culto pagão. Durante toda a Idade Média, e mesmo depois desse período, havia uma constante oscilação entre os costumes cristãos e pagãos, o que gerou algumas tensões entre as partes – como a Inquisição e a caça as bruxas³⁹. Isso significa que o processo de cristianização começou na Idade Média, mas não é exclusivo desse período muito menos definitivo.

1.2. O Romance de Cavalaria – O Ciclo Arthuriano

As origens da Cavalaria são bastante remotas, podendo ser encontradas entre os povos germânicos – a obra “Germânia” de Tácito é um exemplo disso. O militarismo era comum nessas sociedades que ora defendiam-se ora saqueavam outros povos para sobreviver⁴⁰. Esses guerreiros, liderados por seus reis, tinham como condutas ideais de coragem e lealdade ao seu chefe que permaneceram mesmo com a conversão destes ao Cristianismo.

Com o advento do Império Franco, o Imperador Carlos Magno tornou-se o grande responsável pela transformação da Cavalaria. Transformação, essa, que se baseava, além da relação suserano-vassalo⁴¹, na cristianização da cavalaria. Por ser um período marcado por constantes lutas e guerras, a Igreja passou a condenar todo tipo de violência, mas pregava o uso desta para defender aqueles que não conseguiam por si mesmos, além de impor uma moral de luta pela Igreja e pelo povo cristão – reconhecendo, assim, a necessidade do uso de armas⁴².

[...] Os progressos técnicos do armamento, especialmente das espadas e couraças, parecem orientados, por uma verdadeira lógica social do tempo, para o reforço e proteção do cavaleiro nobre. Ao mesmo tempo, uma moral mais insistente torna odioso o homicídio entre cristãos, mais veementemente do que antes, e sugere à classe dominante que dê preferência à reputação de

³⁹ Uma obra que trata desses resquícios pagãos na idade moderna é: GINZBURG, Carlo. *Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴⁰ BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010

⁴¹ Essa relação se dá muitas vezes entre o rei e um nobre. Não confundir com a relação de senhor e servo (homem de classe mais alta para com alguém ligado a terra).

⁴² FARRARESE, Lúcio Carlos. “A Transformação da Cavalaria na Idade Média: de grupo militar para grupo social dirigente”. *V Congresso Internacional de História*. Setembro 2011

justiça àquela de ferocidade, ou ao menos que, sem renunciar ao orgulho guerreiro franco, descubra uma vocação na defesa das igrejas e dos fracos⁴³.

Podemos dizer então que a Cavalaria é uma instituição que se estabelece no sistema feudal em torno do ano mil. Ser cavaleiro nessa época não estava ligado à condição de nobreza: significava apenas um homem de armas que havia se submetido a uma cerimônia de sagração⁴⁴. Por conta disso, o cavaleiro passou, assim, a ser reconhecido como pertencente à nobreza – num processo de elitização da cavalaria⁴⁵. No século XII, sua elitização chega a tal ponto que a torna uma casta praticamente hereditária. Ou seja, os cavaleiros são recrutados entre filhos de cavaleiros⁴⁶. Por se tornar um “grupo de elite”, os Cavaleiros dependiam de certa riqueza, pois tanto o equipamento como o cavalo e as cerimônias de sagração exigiam altas somas – o que fez muitos guerreiros dependerem “seja da generosidade de um rico e poderoso senhor [...] seja dos rendimentos de um patrimônio⁴⁷”.

Para se tornar um Cavaleiro, o guerreiro passa por algumas cerimônias, como a investidura e o adubamento. A investidura não possuía conotação social ou religiosa: era uma simples entrega de armas que, muitas vezes, ocorria antes de uma batalha. Já o adubamento era um rito de passagem na vida deste guerreiro.

O adubamento é um rito de integração à nobreza feudal, do qual se pode querer sublinhar, mais ou menos, a hierarquia ou a igualdade, da mesma forma que acontece com os demais ritos de vassalagem. Esse mundo de corte do século XI é feudal, e não nos espantaremos ao ver aí o senhor adubar seu vassalo, de maneira a marcar, a acentuar a dívida deste último para com ele. Ao mesmo tempo, o convívio, a solidariedade relativa entre vassalos de um mesmo senhor é antiga, e pouco a pouco o adubamento vai se estender, ou melhor, vai concorrer com as outras práticas Cavaleirescas, para desenvolver um tipo de consciência de classe explícita que parecia menos marcada na primeira idade feudal⁴⁸.

O adubamento é, então, uma prática carregada de sentido ao longo do século XI: símbolo de nobreza e honra, torna “marca essencial que convém ao *Cavaleiro* admitido como

⁴³ BARTHÉLEMY, *Op. Cit.*, p. 93.

⁴⁴ PASTOUREAU, Michel. *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda* (França e Inglaterra, séculos XII e XIII). São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989.

⁴⁵ FARRARESE, *Op. cit.*

⁴⁶ PASTOUREAU, *Op. cit.*

⁴⁷ *Idem.* p. 43.

⁴⁸ BARTHÉLEMY. *Op. cit.* p. 212.

tal por toda parte desde que seu comportamento e seu futuro não o desmintam⁴⁹”. Sua cristianização se deu de forma anexa: “antes ou depois da entrega da espada e de outras peças da panóplia, passa-se pela igreja⁵⁰”.

Não tem como negar o impacto que a Igreja causou na Cavalaria. Com a reforma da Igreja – dita gregoriana⁵¹ – os Cavaleiros passam a despojar de seus bens – e de sua vida – para “seguir Cristo”. Um Cavaleiro cristão era aquele que lutava pela fé: a protegia e a espalhava. Dito isso, a Cruzada surge, então, como uma forma desse guerreiro justo, forte e cristão redimir-se dos pecados, lutando contra os infiéis para libertar a Terra Santa. Por conta disso, a Cavalaria passa a estar intimamente ligada à Igreja: basta lembrar-se das ordens religioso-militares que surgiram entre os séculos XI e XV.

É dentre os séculos XII e XIII que a Cavalaria se torna objeto de numerosas criações literárias. O prestígio dessa instituição deu origem a essa rica literatura que ilustrava seus valores morais⁵², chamada de Romance⁵³ de Cavalaria – ou Novela de Cavalaria. O Romance de Cavalaria difere das Canções de Gestas⁵⁴ por ter seu conteúdo de forma prosificada. Isto é, “transforma” em prosa o que antes era poesia.

Propagados, principalmente, na França, Grã-Bretanha, Espanha e Portugal, os Romances têm como principais características a temática das façanhas dos cavaleiros, onde se reflete os ideais cavaleirescos e a relação senhor e vassalo, além de conter elementos de ordem sobrenatural⁵⁵.

Esses Romances dividem-se em três ciclos (ou matérias): *ciclo clássico*, *ciclo carolíngio* ou *francês (Matéria da França)* e *ciclo arthuriano* ou *bretão (Matéria da*

⁴⁹ *Idem*. p. 218.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 301.

⁵¹ A Reforma Gregoriana pregava um retorno a uma Igreja primitiva, que punia com severidade qualquer espécie de heresia. In: BARTHÉLEMY. *Op. cit.*

⁵² LOPES, Marcos Antônio. “Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria”. *Revista Tempo*, v. 15, n. 30, jul. 2011.

⁵³ Na Idade Média, o termo Romance significava um texto que não era escrito em latim, ou seja, um texto escrito em língua vulgar. In: MONGELLI, Lênia Márcia. “Apresentação: A História de Arthur além da História”. In: PYLE, Howard. *Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

⁵⁴ Canções de Gestas são longos poemas épicos escritos por volta do século XI e XII e que celebram feitos de heróis do passado. In: SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

⁵⁵ CARNEIRO, Cristina Helena. *Bruxas e Feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2006.

Bretanha)⁵⁶. Dentre eles, o mais difundido – e objeto de estudo desse trabalho – é o *Ciclo Arthuriano*.

Esses ciclos se originaram do aproveitamento das tradições regionais, primeiro da necessidade real de se valer das gestas e sagas para se compor a história de cada reino; depois, da natural imaginação das novas nacionalidades, reunindo ou criando, à feição das parábolas e narrativas bíblicas, tomadas como modelo de perfeição, as suas próprias estórias maravilhosas⁵⁷.

Devido à cristianização, o ciclo arthuriano foi subdividido em outros dois ciclos. O primeiro é o ciclo conhecido como *Vulgata* ou *Lancelot-Graal* – que possui cinco títulos que articulam o Graal com a história de amor proibido de Lancelot com a rainha Guinevere. O segundo ciclo, denominado *Post-Vulgata* ou *Pseudo-Boron*, é uma condensação das obras do ciclo da *Vulgata* e contém três obras. São elas:

<i>Vulgata</i> ou <i>Lancelot-Graal</i> (1215 – 1235)	<i>Post-Vulgata</i> ou <i>Pseudo-Boron</i> (antes de 1250)
HISTÓRIA DO SANTO GRAAL	O LIVRO DE JOSÉ DE ARIMATÉIA
HISTÓRIA DE MERLIM	MERLIM OU O CONTO DO BRADO
O LIVRO DE LANCELOTE DO LAGO	NÃO HÁ
A DEMANDA DO SANTO GRAAL	A DEMANDA DO SANTO GRAAL
A MORTE DE ARTUR	

Mas a história do Rei Arthur começa muito antes desta subdivisão do *ciclo arthuriano* – o que significa que essas não são as únicas obras que tem Arthur como referência. As narrativas centradas nesse chefe guerreiro bretão que ajudou na defesa de seu povo contra os saxões no século VI nem sempre mencionavam seu nome. Exemplo disso são as obras de São Gildas – *De Excedio et Conquestu Britanniae* – e de Beda – *Historia Ecclesiastica Gentis*

⁵⁶ O Ciclo Clássico corresponde à narrativa de heróis da antiguidade (Roma e Grécia); o Ciclo Carolíngio são narrativas centradas em Carlos Magno; o Ciclo Arthuriano possui como personagem principal o Rei Arthur. In: SARAIVA; LOPES, *Op. Cit.*

⁵⁷ FURTADO. *Op. Cit.* p. 13.

Anglorum. Apesar de Beda não citar a figura de Arthur, na obra de São Gildas, a vitória dos bretões no Monte Badon⁵⁸ é atribuída a um romano: Aurelius Ambrosius⁵⁹.

Seu nome aparece pela primeira vez na obra do galês Nennius – *Historia Brittonum* – escrita por volta do ano 800. Nesta obra – que narra as doze batalhas vencidas pelos bretões contra os saxões – Arthur é mencionado como chefe guerreiro cujo papel foi fundamental nessas batalhas ocorridas no século VI. No século XII, Geoffroy de Monmouth dá novos contornos a obra de Nennius com a sua *Historia Regum Britanniae* que descreve Arthur como um rei invencível. Mas seu objetivo é outro: exaltar os bretões ao fazer uma história genealógica para legitimar os normandos e Plantagenetas⁶⁰. Esta obra, por sua vez, é posta em versos pelo trovador normando Robert Wace em *Roman de Brut*. Escrita para ser lida na corte de Henrique II e, por conseguinte, associado ao rei, essa narrativa traz mais destaque a Arthur e insere a Távola Redonda e o amor cortês em seu contexto.

Essas narrativas centradas em Arthur podem ser divididas em três fases diferentes entre si⁶¹: *crônicas pseudo-históricas, romances de cavalaria e estórias exemplares*. A primeira fase corresponde a textos que tinham aparências de relatos verdadeiros, mas o “pseudo” se refere a figuras como a de Merlim ou de Avalon que colocam em questão a veracidade da história. As obras dessa primeira fase tratam, principalmente, de grandes batalhas entre nações⁶². A fase seguinte tem como foco não mais o Rei Arthur, mas sim os cavaleiros da Távola Redonda e suas aventuras. Aqui, as batalhas entre nações dão espaço para as aspirações e sentimentos dos cavaleiros do reino⁶³. A última fase diz respeito a virtude de heróis que saem em busca de aventuras. É nessa fase que a busca pelo Santo Graal é inserida⁶⁴. As obras dessa fase fazem parte do ciclo da Vulgata.

Com a dominação ideológica da Igreja Católica nesse período, a Matéria da Bretanha começou a sofrer influência por parte desta. Apesar disso, muitas obras ainda resgatavam esse passado celta e, por conseguinte, pagão. O resultado disso foi histórias com predominâncias de elementos fantásticos e sobrenaturais que, ao mesmo tempo, se justapunham com esses novos elementos da cultura cristã.

⁵⁸ Local onde ocorreu a batalha entre bretões e saxões.

⁵⁹ ZIERER, Adriana. “Arthur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas”. *Brathair*, v. 2, n. 1, 2002.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ FURTADO. *Op. cit.*

⁶² *Idem*.

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ *Idem*.

1.3. Epifania do Sagrado em objetos Profanos

Em uma época em que a sociedade era regida pelo religioso, a sacralização de objetos – sejam coisas, lugares ou espaços – se tornava essencial para o *homo religiosus*, isso porque, para esse homem religioso, o que é *sagrado* torna-se a única verdade que é real ou que realmente existe, ou seja, “equivale ao *poder* e, em última análise, à *realidade* por excelência⁶⁵”: o restante é apenas uma extensão do que o cerca⁶⁶.

[...] O sagrado é o *real* por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no *sagrado* equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão⁶⁷.

Os espaços ou objetos sagrados não são exclusivos da religião cristã. Muito antes da ascensão do cristianismo e mesmo antes da Idade Média, as sociedades arcaicas já viviam em contato com esses espaços. Com o advento do período medieval, as diferenciações entre o que é *sagrado* e o que é *profano* foram identificadas.

Quando o *sagrado* se manifesta em um objeto *profano*, este não deixa de ser ele mesmo. Ou seja, uma árvore (por exemplo, o carvalho para os druidas) não é adorada simplesmente por ser uma árvore, mas sim porque nela o *sagrado* se manifestou – houve uma *hierofania*. Mircea Eliade em seu livro *O Sagrado e Profano* nos explica bem isso:

[...] O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas [...] não se trata de uma veneração da *pedra como pedra*, de um culto da *árvore como árvore*. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são *hierofanias*, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o *sagrado*, o *ganz andere*⁶⁸.

Essas hierofanias estão relacionadas com o imaginário que a sociedade produziu sobre essas manifestações em objetos de natureza comum – profana. O imaginário está ligado,

⁶⁵ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 18.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ *Idem*, p. 32.

⁶⁸ *Idem*, p. 17-18.

principalmente, com a questão simbólica. Melhor dizendo, é através do símbolo que a compreensão do imaginário como função criadora se faz. Nas palavras de Sandra Pesavento, “através da imaginação simbólica, diz-se ou se mostra uma coisa ou uma ideia através da outra⁶⁹”.

Então, ao manifestar o *sagrado*, esse objeto – a árvore – torna-se outra coisa, mas não deixa de ser ela mesma⁷⁰. Isso quer dizer que esses objetos tornam-se símbolos. Digo isso porque, para Bourdieu, o símbolo caracteriza-se como sendo “invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem⁷¹”. Isto é, pela própria natureza e forma do símbolo, ele evoca, perpetua e/ou substitui, em determinado contexto, algo ausente ou abstrato⁷².

Naquele mundo no qual todas as coisas eram passíveis de ser vistas como hierofanias, isto é, como algo a mais do que pareciam à primeira vista, uma cosmologia simbólica impunha-se com naturalidade. O universo era interpretado como um imenso conjunto de símbolos. Sabe-se que na origem o termo grego *symbolon* designava cada uma das metades de um objeto que fora dividido, para que sua junção funcionasse como uma senha, daí o sentido literal de “sinal que se faz reconhecer”. Logo, não pode ser confundido com o signo, que é apenas um substituto ou representação de algo, sem ter semelhança estrutural com a coisa que representa. Da mesma forma que o signo, a alegoria também é convenção. O símbolo, pelo contrário, é um produto psíquico espontâneo que exprime algo que não poderia ser formulado com precisão nem compreendido de outra maneira⁷³.

Segundo Hilário Franco Júnior, essa relação do símbolo com a coisa simbolizada é profunda, pois o significado (a essência) é sempre mais rico que o significante (a imagem)⁷⁴. Relacionado com outros símbolos, seu significado é dado pelo contexto de forma precisa, “daí o símbolo ser uma hierofania, revelar uma realidade sagrada para quem tiver sensibilidade para decodificá-lo. Não se requer para tanto uma operação consciente, intelectual, mas automática, inconsciente⁷⁵”.

⁶⁹ PESAVENTO. “Em busca de uma Outra História”. *Op. Cit.* p. 22.

⁷⁰ ELIADE. *O Sagrado e o Profano*. *Op. cit.*, p.18

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 7-8.

⁷² LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1990.

⁷³ FRANCO JR. Hilário. *Idade Média: O nascimento do Ocidente*. p. 196-197. Disponível em:

<http://www.letras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf> Acesso em: 04/10/2014.

⁷⁴ *Idem.*

⁷⁵ *Idem*, p. 198.

Assim – nessa verdade que encobre uma outra verdade – os capítulos a seguir trarão alguns símbolos pertencentes ao mito arthuriano. Buscarei levantar os significados destes para a cultura celta (pré-cristã) e para a cultura cristã – que ascende durante a Idade Média.

2. A Espada e o Início da Jornada de Arthur

2.1. O Chamado da Aventura

Ao considerar as narrativas arthurianas um mito, torna-se necessário explicar o motivo das mesmas serem tratadas deste modo. Para tanto, apenas conceituar “mito” não supri a demanda da informação: é preciso ir mais a fundo, revelar o mito na história analisada.

Mito pode ser entendido como uma narrativa – muitas vezes transmitida de forma oral – que expressa “uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo⁷⁶”. Como Eliade nos diz, é quase impossível encontrar uma única definição capaz de abarcar todos os tipos e funções dos mitos, pois ele “é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares⁷⁷”. Concordo com o autor quando este expõe que o mito é uma narrativa de “criação”⁷⁸, de algo que passou a existir: seja o Cosmo, uma instituição, um vegetal, ou mesmo um comportamento humano.

E é aqui – por conta disso – que as narrativas referentes ao Rei Arthur são consideradas por mim, nessa pesquisa, como um mito. Sua história não conta a origem do mundo nem se passa no “tempo primordial”, mas visa normatizar uma sociedade. Isto é, ela “cria” um modelo de comportamento. Bem como o próprio Eliade nos diz – e o qual creio ser fundamental para a compreensão do ponto em questão – “os romances da Távola Redonda estabelecem uma nova mitologia, no sentido de que divulgam sua ‘história sagrada’ e os *modelos exemplares que devem guiar o comportamento* dos cavaleiros e enamorados⁷⁹” (grifo meu). Ou seja, o mito não é preciso ser, necessariamente, uma narrativa sobre a criação do mundo ou se passar no tempo dos deuses, mas é fundamental que este forneça “modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência⁸⁰”.

Para compreendermos melhor a estrutura do mito arthuriano, se faz necessário entender as etapas da Jornada do Herói. Melhor dizendo, as fases que o Rei Arthur percorreu para podermos considerar as suas narrativas pelo viés mitológico.

⁷⁶ ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 07.

⁷⁷ *Idem*, p. 11.

⁷⁸ *Idem*.

⁷⁹ ELIADE, Mircea. *História das Crenças, volume 3. Op. cit.* p. 105.

⁸⁰ ELIADE. *Mito e Realidade. Op. cit.* p. 8.

A *Jornada do Herói* é um termo criado por Joseph Campbell em seu livro *O Herói de Mil Faces*⁸¹ que desenvolve a temática do monomito, ou seja, de que todos os mitos estão ligados por um fio condutor comum ou uma mesma fórmula estrutural, onde os heróis das diversas mitologias trilham passos quase iguais. Campbell afirma que o propósito deste livro é

[...] desvelar algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras religiosas e mitológicas, mediante a reunião de uma multiplicidade de exemplos não muito difíceis, permitindo que o sentido do antigo se torne patente por si mesmo. Os velhos mestres sabiam do que falavam. Uma vez que tenhamos reaprendido sua linguagem simbólica, basta apenas o talento de um organizador de antologias para permitir que seu ensinamento seja ouvido. Mas é preciso, antes de tudo, aprender a gramática dos símbolos e, como chave para esse mistério, não conheço um instrumento moderno que supere a psicanálise⁸².

Ao basear-se nas obras de Carl Jung, Campbell percebe que os pontos comuns dessas narrativas se dão por causa do inconsciente coletivo – ou arquétipos. Esses arquétipos são elementos que se constituem em uma “linguagem temática”, ou seja, são imagens, personagens, papéis a serem desempenhados e temas – embora em medida muito menor – que traduzem os “acontecimentos amínicos inconscientes em imagens do mundo exterior⁸³”.

A Jornada em si, constitui-se de três seções – *Partida, Iniciação e Retorno* – subdivididas em etapas menores⁸⁴. Na primeira das seções, subdividida em *O Chamado da Aventura, A Recusa ao Chamado, O Auxílio sobrenatural, A Passagem pelo Primeiro Limiar e O Ventre da Baleia*, a jornada do herói realmente começa. A segunda seção subdivide-se em *O Caminho das Provas, O Encontro com a Deusa, A Mulher como Tentação, A Sintonia com o Pai, A Apoteose e A Benção Última*, onde narra as aventuras desse herói ao longo de seu caminho. A última das seções desdobra-se em *A Recusa do Retorno, A Fuga Mágica, O Resgate com Auxílio Externo, A Passagem pelo Limiar do Retorno, O Senhor dos Dois Mundos e Liberdade para Viver*, onde representa a volta do herói à sua casa com o conhecimento e/ou elixir que adquiriu na jornada.

Respeitando a proposta desta pesquisa, não me estenderei ao explicar o que cada etapa significa e representa nas narrativas sobre o Rei Arthur, mas desenvolverei neste capítulo – e

⁸¹ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

⁸² *Idem*. p. 11.

⁸³ MELETÍNSKI, Eleazar. *Os Arquétipos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p. 22.

⁸⁴ CAMPBELL. *Op. Cit.*

nos capítulos a seguir – os pontos chaves para analisarmos e compreendermos a Jornada desse Rei. Mas para tanto, é preciso contar sua história⁸⁵.

A História⁸⁶ sobre o Rei Arthur começa antes de seu nascimento. O Rei Uther Pendragon, com a ajuda do mago Merlim, engravida Igraine, esposa do duque de Tintangel da Cornualha: através de um feitiço, Uther fica com a aparência do duque e passa a noite com Igraine, enquanto seu marido está fora – em outro castelo enfrentando as tropas do rei. Após saber que seu esposo está morto, Igraine aceita se casar com Uther – sem saber que esperava um filho deste.

Arthur nasce então. E, como forma de pagamento por ter seu pedido de passar a noite com Igraine atendido, Uther entrega seu filho aos cuidados de Merlim para que este o crie. Merlim, por sua vez, confia Arthur aos cuidados de Sir Ector para que ele cresça sem conhecer sua origem real. Com o passar do tempo, o Rei Uther adoece e, após uma batalha, sua doença piora e o leva a morte. O reino fica sem governante por alguns anos, até que Merlim, juntamente com o arcebispo, convocam ao reino todos os senhores e cavaleiros para que, no dia do Natal, vissem, por intermédio de um milagre de Deus, quem seria o novo rei por escolha divina.

Assim, no Natal, enquanto realizavam as missas de celebração, eis que “aparece” no adro da igreja, em frente ao altar, uma pedra com uma bigorna por cima e uma espada encravada nesta com uma frase que dizia que quem a retirasse da pedra e bigorna seria, por direito, rei. Após o término das missas, os senhores ali presentes foram ver a espada, chegando alguns a tentarem retirá-la, mas sem obter sucesso.

No dia de Ano Novo mandaram realizar grandes justas e torneio para que todos que quisessem, pudessem tentar retirar a espada da pedra. Para as justas, Sir Ector levou seu filho, Sir Kay, juntamente com Arthur, seu filho de criação. Eis que durante as lutas, Sir Kay esquece sua espada e pede para que Arthur vá buscá-la na casa de seu pai, pois a havia deixado lá. Ao chegar no local, Arthur não encontra ninguém para que pudesse lhe dar a espada e resolve, então, retirar a espada da pedra para que seu irmão não fique sem nenhuma.

⁸⁵ Para melhor compreender a Jornada de Arthur, sua história encontra-se fragmentada entre os capítulos.

⁸⁶ A referência à história de Arthur aqui citada é com base na obra de Sir Thomas Malory, *A Morte de Artur* – fonte, esta, utilizada na presente pesquisa.

Depois de retirá-la da pedra, Arthur a leva a seu irmão, Sir Kay, que, ao notar que era a espada encravada na pedra, dirigiu ao seu pai achando ser o novo rei. Sir Ector leva, então, seus filhos à igreja e lá Sir Kay conta que foi Arthur quem lhe entregou a espada. Sir Ector recoloca a espada na pedra e pede para que Arthur a retire novamente. Ao repetir tal proeza, Sir Ector leva Arthur ao arcebispo, que prorroga sua coroação para que, uma vez mais, quem quisesse tentar retirar a espada da pedra tivesse uma última oportunidade. A coroação foi adiada mais vezes, pois os senhores e cavaleiros não acreditavam que tal jovem pudesse ser o novo rei, até que, no dia de Pentecostes, tal fato foi aceito.

O primeiro limiar aqui analisado será *O Chamado da Aventura*. Campbell nos conta que muitas vezes esse chamado se dá através de um erro: “[...] Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. [...] O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino⁸⁷”. Podemos considerar então que, ao esquecer a espada para o torneio, Sir Kay fez Arthur entrar na aventura ou começar a cumprir seu destino. Se não fosse pelo erro do esquecimento de Sir Kay, Arthur não sentiria a necessidade de correr para a Igreja e retirar a espada da pedra para entregar a seu irmão para que este não ficasse desprovido de arma nas justas.

Campbell afirma que o chamado sempre encerra um mistério.

[...] pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração – um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar⁸⁸.

Percebemos, aqui, que o “mistério” refere-se à condição de realeza de Arthur. A morte e o nascimento que Campbell menciona, aludi-se a questão de que Arthur deixa sua vida simples com seu pai e irmão de criação – Sir Ector e Sir Kay – para nascer um novo homem: um soberano.

Não há como negar que a espada foi o instrumento pelo qual Arthur foi chamado à aventura. A seguir, esse objeto será analisado levando em conta seu simbolismo para a história do nosso herói, além de uma interpretação de como o Cristianismo utilizaram do material simbólico desse objeto.

⁸⁷ CAMPBELL. *Op. Cit.* p. 60.

⁸⁸ *Idem*, p. 61.

2.2. As Espadas de Arthur

Antes de qualquer coisa, é fundamental esclarecer que a espada que Arthur retira da pedra não é a Excalibur. Arthur possui duas espadas e as obtém em momentos diferentes de sua jornada. Ambas possuem seus próprios significados e desenvolvem papéis diferentes ao longo da história. Começemos, então, com a Espada na Pedra.

Sabemos que esta espada estava designada ao verdadeiro rei das terras britânicas e, por isso, representa a legitimidade da soberania de Arthur, além de sua linhagem real. Por estar posta na Igreja, reflete a crença cristã de que os reis eram escolhidos pela vontade de Deus – nessa época, o rei governava por vontade divina e não por escolha dos súditos⁸⁹. Essa forma de governar por escolha divina não corresponde ao que vemos na Idade Moderna, onde o rei era o representante máximo dos Estados Nacionais onde seus poderes eram absolutos e concedidos por Deus. No período medieval, o rei era um correspondente, ou melhor, um intermediário entre o povo – seus súditos – e Deus. Esses reis eram capazes de conceder a seus seguidores bênçãos de caráter milagroso, além de serem responsáveis pela prosperidade do reino e da terra. Um exemplo disso é o livro *Os Reis Taumaturgos* de Marc Bloch que trata dos poderes curativos dos reis da França e Inglaterra entre os séculos XII e XVIII: com apenas o toque de suas mãos, os reis conseguiam curar as escrófulas ou outras doenças de seus súditos. Assim, esses reis sacerdotes, como Frazer⁹⁰ os denomina, são responsáveis – e aqui se inclui Arthur – pela paz e abonação de todo o reino.

Na Idade Média, e para a tradição cristã deste período, a espada era um instrumento que pertencia a guerreiros e heróis cristãos, pois esta era um objeto sagrado onde, através dela, Deus operava⁹¹. Com isso, a espada torna-se uma arma por excelência da luta para a proteção da Igreja e contra os infiéis.

[...] Valente guerreiro, cinge tua espada; essa espada é de fato a do Espírito Santo, que é a Palavra de Deus. De acordo com essa imagem, sustenta então a Verdade, defende a Igreja, os órfãos, as viúvas, aqueles que oram e aqueles que trabalham, ergue-te prontamente contra aqueles que atacam a Santa

⁸⁹ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

⁹⁰ FRAZER, Sir James George. *O Ramo de Ouro*. [S.l.] Ed. Zahar, 1982.

⁹¹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

Igreja, a fim de que possas surgir coroado, na presença de Cristo, armado com o gládio da Verdade e da Justiça⁹².

Essa primeira espada de Arthur é mais uma arma ritual do que para combate – apesar deste lutar com ela antes de obter Excalibur. Para Thomas Malory, parece que a sua retirada da pedra é mais importante do que a coroação de Arthur, visto que este, em sua obra, relata de forma superficial a coroação do rei. Podemos dizer então que, ao retirar essa espada de seu local, Arthur é “investido” e “consagrado” neste momento. Isso porque, até então, Arthur era apenas o “homem de armas” de seu irmão. Percebemos, aqui, a semelhança que Malory traça entre Arthur e Jesus Cristo, o que creio ser fundamental e rico no mito arthuriano: além dessa relação de humildade e realeza entre ambos, possui ainda um caráter messiânico, de que tal como o Messias, ele vem para cumprir uma missão específica e que, uma vez cumprida, retornará ao reino dos céus – ou a Ilha de Avalon.

Outra espada presente nas narrativas arthurianas – e a mais famosa dentro de sua história – é Excalibur. Depois de lutar para tentar unificar o reino, Arthur, em uma batalha contra o cavaleiro Pellinore, quebra sua espada. Desprovido de arma para continuar o combate, Arthur é salvo por um encantamento de Merlin, que faz com que o cavaleiro adversário adormecesse.

Ao queixar-se por estar sem arma, Merlin leva Arthur até um lago onde este vê um braço para fora da água segurando uma bela espada na mão. Ao encontro deles vai, então, a Donzela do Lago, que promete a Arthur a espada se este lhe der um presente. Por concordar com o pedido, Arthur passa a ser o novo dono da espada Excalibur.

Excalibur, diferentemente da Espada na Pedra – que o consignava rei –, representa a maturidade de Arthur, além de sua ligação com o passado celta. Ou seja, quando a Dama do Lago entrega a espada a Arthur percebemos que o passado pré-cristão ainda estava presente no imaginário medieval através da figura da Deusa. Esta, além de protetora de Excalibur, é também a guardiã do Outro Mundo⁹³.

[...] A Donzela é uma construção do imaginário medieval, cuja origem pode ser encontrada no processo de cristianização do ocidente medieval a partir do

⁹² FLORI, Jean. “A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média”. São Paulo: Madras, 2005, p. 44. *Apud.* MARRONI, Paula Carolina Teixeira; OLIVEIRA, Terezinha. “A simbologia das armas do cavaleiro medieval presente no *Livro da Ordem de Cavalaria*, Raimundo Lúlio: a retomada saudosista da importância de enfatizar valores cristãos”. *VI Congresso Internacional de História*, Setembro/2013.

⁹³ Trataremos mais a frente sobre o Outro Mundo, no capítulo quatro desta monografia.

século V e na forma como as crenças antigas pré-cristãs foram retrabalhadas nesse processo. Desta forma, a Donzela é um ponto de intersecção entre novas e antigas religiosidades⁹⁴.

As fadas estão muito presentes ao longo das narrativas sobre o Rei Arthur. Ao entregar-lhe a espada, a Dama pede um presente, isto é, um contra-dom, muito presente nas narrativas de cavaleiros e damas-fadas. Esse dom “significa uma relação de equilíbrio entre o mundo temporal, representado pelo monarca e o Outro Mundo, representado pelos deuses⁹⁵”. Ou seja, esse encontro entre o rei com a Dama do Lago corresponde a um casamento – apesar de este não implicar, necessariamente, no sacramento cristão – onde une o Mundo Terreno com o Outro Mundo, aqui representado através da fada.

A ligação dessa espada com o passado celta encontra-se, primeiramente, no nome. Os povos celtas e anglo-saxônicos acreditavam que, ao dar nome a objetos, esses possuíam almas e atribuíam-lhe poderes adicionais⁹⁶. Excalibur é, então, uma herança dessa cultura pré-cristã, visto que seu nome deriva das espadas Caladbolg e Caledfwlch – respectivamente, espadas presentes nas mitologias irlandesa e galesa⁹⁷.

Caladbolg é a espada pertencente ao herói irlandês Cuchulainn e seu nome significa “relâmpago forte”. O nome dessa espada deriva etimologicamente de Caledfwlch, espada que pertencia a Arthur na versão galesa do mito. Ao ser latinizado por Geoffroy de Monmouth, seu nome passa para *Caliburnus* – o que nos deu *Excalibur*. Ambas as espadas estão ligadas a luz: a primeira ao relâmpago – como já foi dito – e a segunda ao fogo. Excalibur também está ligada a luz: sua latinização está ligada a palavra “chalybs” no latim que significa “aço” – material muito brilhante do qual as lâminas das espadas eram feitas⁹⁸.

Outra ligação com as raízes pré-cristãs encontra-se na bainha desta espada⁹⁹. Além de proteger a espada, a bainha também protegerá Arthur, já que esta simboliza a Deusa – numa clara união entre feminino e masculino ou mesmo numa ligação entre o Mundo Terreno e o Outro Mundo. Sabe-se que o herói sempre conta com a proteção do ente feminino “que

⁹⁴ SILVEIRA, Aline Dias da. “A ‘Fada Medieval’ e o Destino”. *Revista Mosaico*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2011. p. 03.

⁹⁵ ZIERER, Adriana. *Op. cit.* p. 193.

⁹⁶ MARQUES, Diana Sofia da Silva. *Excalibur: a espada na bruma*. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013.

⁹⁷ *Idem.*

⁹⁸ *Idem.*

⁹⁹ Após conseguir Excalibur, Merlin informa a Arthur que a bainha equivale a dez espadas, e que se este a mantiver sempre consigo, não sofrerá grave feridas. In: MALORY, Sir. Thomas. *A Morte de Artur*. Brasília, DF: Thot, 1987.

engana os inimigos, dá protecções mágicas e avisos, e faz a mediação das armas, concedendo-as ou tirando-as ao herói¹⁰⁰».

Não podemos esquecer também do local onde esta espada estava: em um lago. Para os celtas, a água era considerada fonte de vida, de cura e regeneração, além de ser “o elemento fundamental da criação e na qual se processam as transformações de todos os seres vivos”.

[...] O rio ou o arroio são expressões vivas da Terra Mãe, o que os santifica; e o que os dota de poderes curativos é uma combinação especial de diferentes minerais, vegetais e propriedades etéreas que emanam de alguns mananciais a certas horas do dia ou em dados momentos da fase lunar. Todos os lugares sagrados tinham seu espírito guardião, encarregado de cuidá-los, o mesmo que vigiava a respectiva solenidade dos ritos, e podia transformar-se em gato, pássaro ou peixe, segundo as preferências da deusa; [...] Esses lugares eram considerados partes do útero da Terra Mãe, a qual se invocava sob diversos vocativos e aparências¹⁰¹.

Por ser comparada ao útero materno – que fecunda, gesta, alimenta e gera – as águas estão relacionadas às divindades femininas, tais como: Sequana, Garumna, Banna, Branwen, etc¹⁰². Muitas dessas deusas têm seus nomes em rios, como é o caso de Sequana (Rio Sena) e Garumna (Rio Garona)¹⁰³.

Notamos então que, mesmo com a ligação desse passado celta, a espada é o símbolo da soberania de Arthur: seja a que foi retirada da pedra dentro da Igreja como a que foi entregue pela deusa. Esse símbolo mostra o sincretismo presente nas culturas celta/pagã e cristã, visto que mesmo com o advento do Cristianismo esse legado pagão continuou ativo no mito arthuriano.

Percebemos isso, principalmente, nos espaços em que as espadas foram entregues a Arthur: o primeiro é um espaço, por excelência, cristão – a Igreja; o segundo está relacionado a natureza e, por isso, torna-se sagrado para os celtas – o Lago. Notamos a diferença com relação à sacralidade dos espaços em ambas as culturas: enquanto para o Cristianismo a Igreja é considerada a “morada do senhor”, para os Celtas não havia a necessidade de ter espaços construídos para adorar os seus deuses, pois a própria natureza os representava.

¹⁰⁰ CHORA, Ana Margarida. “A deusa em Camelot: o papel da mulher na concepção e evolução dos heróis arturianos”. *Medievalista Online*, n.08, jul./dez. 2010, p. 05.

¹⁰¹ SHARKEY, John. *Mitos Celtas: mitos, deuses, mistérios*. [S.l] Edições del Prado, 1980, p. 07.

¹⁰² OLIVIERI, Filippo Lourenço. “Os celtas e os cultos das águas: crenças e rituais”. *Brethair*, v. 6, n. 2, 2006, p. 79-88.

¹⁰³ *Idem*.

Quando o Cristianismo chegou às Ilhas Britânicas, no local onde havia alguma árvore adorada pelos celtas, por exemplo, foram construídas Igrejas e, muitas vezes, o templo era erguido com a madeira colhida. Com isso, a intenção cristã não era destruir e acabar com a crença celta, mas miscigená-la, misturá-la ao Cristianismo. Ao fazer isso, mesmo assim, o elemento pagão continuou presente, pois a fé cristã precisava legitimar o seu poder de forma a atingir outras camadas da sociedade. Vemos essa mescla no elemento analisado – a Espada –, pois, apesar de ambas as religiões estarem presentes, cada uma tem seu espaço – embora a celta tenha uma importância um tanto quanto inferior à cristã. Digo isso porque no livro de Thomas Malory, enquanto o relato sobre a obtenção da Espada na Pedra se estende por alguns capítulos, o mesmo não pode ser dito sobre o ganho de Excalibur: a narração sobre como Arthur recebe essa espada desenrola-se apenas em um capítulo.

Apesar de o Cristianismo utilizar-se da espada como símbolo por excelência de sua religião – empregada por cavaleiros para a defesa da Igreja e na luta contra os infiéis – vimos que ambas as espadas representam, antes de tudo, a unificação entre os mundos: seja o Terreno com o Divino ou com o Outro Mundo.

3. A Távola Redonda e a União de um Reino

3.1. Camelot: A União de um Reino

Após retirar a Espada da Pedra e ganhar da Dama do Lago a Excalibur, Arthur luta contra vários reis para conseguir manter o reino forte e unido. Sempre ouvindo os conselhos do sábio Merlin, o rei consegue importantes aliados, além da esposa que deseja.

Arthur apaixonou-se por Guinevere, filha do rei Leodegrance de Cameliard. Ao saber do interesse do rei por sua filha, Leodegrance concede sua mão e, como “presente de casamento” o rei lhe dá a Távola Redonda juntamente com cem dos seus melhores cavaleiros. A Távola Redonda foi presente do rei Uther Pendragon – pai de Arthur – para o rei Leodegrance que, segundo Malory, quando todos os lugares a sua volta estiverem ocupados, contará com cento e cinquenta cavaleiros.

Assim começa a busca de Arthur para conseguir completar a Távola, mas está sempre contando com um lugar vazio, que somente o melhor cavaleiro do mundo em virtudes e em armas conseguirá ocupar.

A etapa da jornada aqui analisada será *O Auxílio Sobrenatural*, que faz parte da primeira seção da Jornada do Herói – *A Partida*. Campbell nos conta que, para quem não recusou o chamado, o primeiro encontro do herói se dá com uma figura protetora que, muitas vezes, é um ancião que fornece os amuletos que vão protegê-lo nessa aventura¹⁰⁴.

Ao longo das narrativas centradas na figura de Arthur¹⁰⁵ percebemos esse ente protetor em Merlin, que sempre aconselhou Arthur e, antes dele, Uther Pendragon em sua jornada. Merlin está com Arthur desde antes do seu nascimento e, como protetor, sempre o guardou dos perigos que este poderia vir a enfrentar, além de auxiliá-lo e orientá-lo em relação ao seu reinado.

Eu vos direi [...] e vos aviso que vossos inimigos são bastante fortes, e tão bons em combate quanto quaisquer homens vivos e conseguiram até agora juntar mais quatro reis e um duque poderoso. E a não ser que nosso rei tenha

¹⁰⁴ CAMPBELL. *Op. Cit.*

¹⁰⁵ O ciclo arthuriano possui outras obras e algumas delas não dizem respeito ao rei Arthur. Algumas dessas narrativas centram-se em Merlin, Lancelot, Percival e em outros cavaleiros da Távola Redonda.

mais cavalaria junto a ele do que lhe será possível angariar dentro dos limites de seu próprio reino, se travar batalha com eles será vencido¹⁰⁶.

A história de Merlim – um sábio, druida, bardo, conselheiro e outras tantas funções que a literatura o fez ter – começa muito antes do ciclo da Vulgata ser formado. Seu nome aparece primeiramente na obra de Geoffrey de Monmouth – *Historia Regum Britanniae* – e, assim como aconteceu com Arthur, sua história alcança novos adeptos quando deixa de ser conhecida apenas nas Ilhas Britânicas e avança para o continente¹⁰⁷. Com Wace, Merlin ganha peso e uma obra apenas para si: *Merlin*, escrito entre o final do século XII e início do XIII.

Não cabe aqui analisar a trajetória e evolução de Merlim nas narrativas de origens célticas ou posteriores. Para a presente pesquisa, vale salientar que a figura do sábio Merlin aparece nas narrativas arthurianas quando este veio ajudar o rei Uther Pendragon – pai de Arthur – a consumir seu desejo por Igraine, esposa do conde de Tintangel. A partir desse episódio, a história de Merlim e Arthur passam a ter um entrelaçamento que as décadas mais tardes – e novas narrativas – só vão ajudar a firmar cada vez mais.

Como vimos no capítulo anterior, foi Merlin quem auxiliou Uther a criar Arthur sem que este conhecesse sua origem nobre. Foi Merlin também que, juntamente com o Arcebispo da Cantuária, após a morte do rei Uther, providenciaram para que todos os cavaleiros se juntassem no Natal, pois nesse dia Deus faria um milagre “mostrando” ao reino quem seria seu governante por direito.

É Merlin também quem prova aos outros reis que duvidam que Arthur seja filho legítimo do rei Uther.

[...] Depois da morte do duque, mais de três horas, ele foi concebido e treze dias depois o Rei Uther se casou com Igraine. E portanto eu posso provar a quem diz não, que ele não é ilegítimo. Ele será o rei e vencerá todos os seus inimigos, e antes de morrer ele terá sido por muito tempo o rei de toda a Inglaterra e dominará o Gales, a Irlanda e a Escócia, e mais reinos que pretendo mencionar agora¹⁰⁸.

E, quando a espada do rei se parte em luta contra Pellinore, é Merlin quem o salva, além de levá-lo aonde este poderia encontrar sua nova espada: Excalibur. E é através de um

¹⁰⁶ Merlin para Arthur, sobre os seis reis que moviam guerra contra o rei. In: MALORY, *Op. Cit.* p. 38.

¹⁰⁷ Cf. ALMEIDA, Átila Augusto Vilar de. “A Magia de Merlim: uma interpretação a partir da literatura”. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*, Saberes e Práticas Científicas. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400522332_ARQUIVO_Amagiademerlim.pdf> Acesso em: 26/10/2014.

¹⁰⁸ MALORY. *Op. Cit.* p. 36.

conselho de Merlin que Arthur descobre que a bainha que envolve Excalibur é tão importante quanto a própria espada, pois, enquanto a mantiver junto a si, esta o livrará de qualquer ferida mortal.

Em muitas narrativas, esse papel de conselheiro do herói é desempenhado por uma figura feminina: a fada madrinha nos contos de fadas ou mesmo a Virgem nas lendas cristãs¹⁰⁹. Mas não é tão incomum que este assuma a forma masculina. Segundo Campbell, essa figura protetora “pode se tratar de algum ser que habite a floresta, algum mágico, eremita, pastor ou ferreiro, que aparece para fornecer os amuletos e o conselho de que o herói precisará¹¹⁰”.

Os conselhos do sábio Merlin também estão presentes na escolha dos cavaleiros que vão completar a Távola Redonda. Com a ajuda de seu guia, Arthur consegue vinte e oito cavaleiros de maior coragem e honra para fazerem parte da Távola, juntamente com os outros cem cavaleiros dados por Leodegrance.

Percebemos aqui, então, que Merlin sempre esteve presente ao lado de Arthur, aconselhando-o e guiando-o em sua Jornada. Merlin, também, é um dos principais responsáveis pelos amuletos que vão ajudar o Rei em sua aventura: desde a obtenção das espadas até mesmo a Távola Redonda. A seguir, tratarei sobre o significado que a Távola possui para o desenrolar da história, além das influências cristãs e celtas contidas nesta.

3.2. A Távola Redonda e o Assento Perigoso/Vago

Como já foi dito, a Távola Redonda foi inserida nas narrativas sobre o Rei Arthur por Robert Wace em seu *Roman de Brut*. Sua forma arredondada, inspirada no modelo circular ou semicircular que na maioria das vezes aparecia nas representações da Santa Ceia durante o século XII¹¹¹, possibilitava que todos os cavaleiros ficassem em pé de igualdade entre si, evitando, assim, disputas pela preferência do rei.

¹⁰⁹ CAMPBELL, *Op. Cit.*

¹¹⁰ *Idem.* p. 77.

¹¹¹ FRANCO JR., Hilário. *Os três dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

Após ganhar de presente de casamento a Távola Redonda e cem dos melhores cavaleiros em virtudes e em armas, Merlin parte a pedido de Arthur em busca de outros cavaleiros para completar a mesa. Encontrado tais cavaleiros, eis que o Bispo da Cantuária é chamado para abençoar a tábola e os lugares ao seu redor. Depois da benção, os cavaleiros são convidados para prestar homenagens ao Rei Arthur – que se casava neste dia com Guinevere. Ao se levantarem, Merlin percebe que nos assentos estavam gravados com letras em ouro os nomes dos cavaleiros pertencentes a cada lugar. Apenas um lugar fica sem ser ocupado: o assento perigoso. Merlin explica a Arthur que “na Cadeira Perigosa não se sentará homem algum senão apenas um, e se alguém for tão resoluto que o faça, será destruído e aquele que ali sentar não terá igual¹¹²”.

Temos aqui alguns pontos a serem levantados e analisados: a circularidade da mesa, sua aproximação com a mesa da Santa Ceia, e o assento perigoso e/ou vago. Além disso, outro ponto que levantarei será o da proposta de igualdade entre esses cavaleiros. Começaremos, então, com a forma circular da tábola.

O círculo é símbolo universal que abrange diversos significados. Sua forma circular é perfeita, imutável e não possui começo ou fim, e por isso, muitas vezes, representa o *tempo*: “desde a Antiguidade, o círculo tem servido para indicar a totalidade, a perfeição, englobando o tempo para melhor o poder medir¹¹³” – a roda da vida. Assim como o sol que representa o poder masculino, o círculo implica uma ideia de movimento: retrata os ciclos celestes ou zodiacais. Um exemplo de simbolismo do Zodíaco encontra-se, além dos Cavaleiros da Távola Redonda, nos doze Deuses-sol da cultura indiana.

Para os celtas, o círculo possui funções e valores mágicos além de aplicações religiosas, implicando, assim, em um simbolismo duplo: mágico e celeste¹¹⁴. Em muitos de seus símbolos, o círculo sempre está presente, como é o caso das espirais celtas e do triskle¹¹⁵. Em sua cultura, quando o círculo aparece dividido em quatro partes representa as quatro grandes celebrações celtas: *Samhain*, *Beltane*, *Imbolc* e *Lughnasadh*.

O *Samhain* é a celebração mais importante para os celtas, pois corresponde a passagem do ano, ou seja, quando a Roda do Ano completa o seu ciclo. É nessa época que os celtas se

¹¹² MALORY, *Op. Cit.*, p. 115.

¹¹³ CHEVALIER; GHEERBRANT. *Op. Cit.* p. 252.

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ COSTA, Ana Elizabeth Cavalcanti da. *Sabedoria e Magia dos Celtas*: princípios do druidismo. São Paulo: Berkana Editora, 2003.

preparavam para o inverno, salgando a carne para se alimentar durante esse período. Acredita-se também que nesse ciclo, o véu entre os mundos está mais fino, ou a fronteira entre ambos desaparece¹¹⁶.

O *Beltane*¹¹⁷ é oposto ao *Samhain* visto que este é uma comemoração mais alegre, pois representa o amanhecer, ou seja, marca o início do verão. Festival da fertilidade da terra, simboliza a união entre o feminino e o masculino ou o amor do jovem deus que se “apaixona pela deusa e comemoram o amor que gerou todas as coisas do Universo¹¹⁸”.

O festival *Imbolc* celebra o início da primavera e está ligado à purificação. Festa consagrada a Deusa celta Brighid, essa comemoração homenageia as mulheres, que são consideradas guardiãs da sabedoria e um “instrumento” da criação¹¹⁹. Com o advento do Cristianismo essa celebração foi transformada para adorar a Santa Brigida¹²⁰.

Lughnasadh é uma comemoração agrícola, pois festeja a primeira colheita do ano e homenageia o deus do sol celta Lugh. Nessa época, os celtas tinham como hábito fazerem pães com os primeiros grãos colhidos, o que fez com que esse festival fosse também conhecido por *Lammas* que significa massa do pão¹²¹.

Esses quatro festivais representam a Roda do Ano e celebram os movimentos e ciclos de fertilidades da terra, onde em alguns momentos é preciso sacrificar algumas coisas para que novas oportunidades surjam, nesse constante ciclo da vida.

Não podemos esquecer a grande obra na qual o símbolo do círculo está presente e evidente: *Stonehenge*. Pode-se dizer que a forma circular na qual as pedras se dispõem é uma representação do Universo onde

[...] os 56 troncos representariam as florestas, o morro elevado personificaria as montanhas ao longe, e a vala seria o final do mundo, o horizonte amedrontador, o abismo do limite da perspectiva que poderia “engolir” os aventureiros. No interior da estrutura teríamos enclausurados os parâmetros da existência humana, com o céu formando o “teto”, estando presentes o Sol, a Lua e as constelações do zodíaco. O Rio Avon, que dava sustento a todas

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Essa festividade é retratada na obra BRADLEY, Marion Zimmer. *As Brumas de Avalon*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2008.

¹¹⁸ COSTA, Op. Cit. p. 33.

¹¹⁹ *Idem*.

¹²⁰ *Idem*.

¹²¹ *Idem*.

as comunidades da região, também se mostra retratado no círculo. Seu curso sinuoso coincide exatamente com a existência das entradas ou “falhas” no morro¹²².

Além disso, seu formato estabelece conexões arquetípicas com o inconsciente – é um elemento que representa a fé e o ciclo da vida – e com os ciclos ritualísticos do sol e da lua, além de abarcar diversos outros significados da figura circular.

Transpondo o simbolismo do círculo para a Távola Redonda, estabelecemos os alguns paralelos. Sua forma representa a perfeição, onde a disposição dos cavaleiros ao seu redor faz com que gere uma harmonia, apresentando a união e a unidade entre eles. Este formato está ligado, também, ao movimento celeste e zodiacal, sendo os doze cavaleiros – que aparecem na maioria de suas representações iconográficas – correspondentes aos signos.

Com o advento do Cristianismo, o caráter místico do círculo foi substituído. A mesa passa a ser inserida numa clara alusão a mesa da Santa Ceia, onde só os escolhidos poderiam ficar em igualdade ao lado do messias. Isso nos leva ao segundo ponto proposto a ser analisado.

A Santa Ceia é uma das cenas mais marcantes do Cristianismo, principalmente pelo seu caráter simbólico e ritualístico. Nesta Ceia, Jesus comeu, bebeu e compartilhou do pão e do vinho com os doze apóstolos¹²³. O Simbolismo desses elementos, que posteriormente viriam a ser incorporados ao ritual da missa sob o nome de eucaristia, tem significados específicos: o pão representa a corpo e o vinho seria o sangue de Cristo – ambos retratando o sacrifício deste na cruz. Compartilhada entre Cristo e seus discípulos, representa o apelo do Filho de Deus para os princípios de amor e fraternidade para com toda a Humanidade¹²⁴.

Transferindo para o contexto aqui analisado, vemos uma aproximação, novamente, de Arthur com Jesus. Essa comparação entre ambos será melhor relatada no capítulo seguinte dessa monografia – visto que se tratará do sacrifício propriamente dito. O que vale aqui ressaltar é a semelhança que eles se colocam perante a Mesa/Távola.

¹²² PIRES, Carlos Alberto Carvalho. *O Simbolismo maçônico em Stonehenge*. Disponível em: <<http://www.maconaria.net/portal/index.php/artigos/192-o-simbolismo-maconico-em-stonehenge.html>> Acesso em: 27/10/2014.

¹²³ Cf. Mateus, 26: 26-28.

¹²⁴ “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis”. João, 13: 34.

Como foi dito, um dos principais motivos para essa reunião entre Jesus e seus discípulos foi a de transmitir seus ideais e princípios de amor e fraternidade perante todos os homens, estando ambos ligados a convivência e a partilha¹²⁵. Ao continuar a história de Arthur, Malory nos conta que, no dia em que a Távola foi constituída – ou seja, no dia do casamento do rei com Guinevere – foi jurado que todos os cavaleiros, e estes foram encarregados de

[...] jamais operarem afrontosamente, nem assassinem e fugirem sempre à traição; e também de modo algum serem cruéis, mas concederem misericórdia a quem pedisse, sob pena de perderem sua honra e soberania do Rei Artur para sempre; e sempre prestarem socorro às damas, donzelas ou senhoras e jamais violentá-las sob pena de morte. e que nenhum homem participasse em contendas erradas, nem por amor, nem por qualquer bem mundano¹²⁶.

Dito isso, percebemos a alusão à Mesa da Santa Ceia nesse mito. Aqui, os ideais que o Cristianismo tanto pregava estão presentes, o que fez com que a Távola Redonda represente uma “Idade do Ouro da Cavalaria”, com suas regras, ideais e mandamentos¹²⁷.

Pergunto-me então – e aqui entra o terceiro ponto a ser analisado – qual o motivo da existência de um Assento Vago ou Tenebroso?

Levando em conta a relação com a Mesa da Santa Ceia, quando mencionado o Assento Tenebroso, podemos fazer um paralelo com Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu Jesus. Isso porque, quando algum cavaleiro – que não é o escolhido – senta-se neste lugar, o mesmo o destrói. Mas quando o Assento diz-se Vago, a referência é ao próprio Jesus, pois somente o melhor cavaleiro poderá sentar-se nele¹²⁸.

Apesar de na história ambas as conotações ao assento leve ao mesmo ponto na narrativa, seus significados são divergentes. Enquanto o Assento Tenebroso representa Judas e sua traição para com Jesus, o Assento Vago corresponde a Cristo, onde só o cavaleiro mais virtuoso poderia se sentar, numa clara alusão a pureza – seja em pecados da carne ou do espírito.

¹²⁵ SOUZA, Rodrigo Augusto de. “Tomai, todos, e comei: considerações sobre a teologia da ceia eucarística nos primeiros séculos do Cristianismo”. *VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais, I Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais*, O conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/84.pdf>> Acesso em: 27/10/2014.

¹²⁶ MALORY, *Op. Cit.*, p.135.

¹²⁷ BUESCO, Maria Gabriela Carvalhão. *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal*. Dissertação (Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1991, p. 21.

¹²⁸ FRANCO JR. *Os três dedos de Adão. Op. Cit.*

Notamos isso no cavaleiro que é escolhido para ocupar tal lugar: Galaaz. Na fonte *A Demanda do Santo Graal*, ele é descrito como um guerreiro, filho de Lancelot, e tem como características principais a religiosidade e a castidade. Durante diversas passagens da narrativa, percebemos que esse herói utiliza da sua crença e fé em Deus para se livrar das mais diversas adversidades.

Galaaz, na fonte acima mencionada, possui o título de melhor cavaleiro do mundo, e aqui entra o último ponto proposto para análise: como pode existir entre os cento e cinquenta cavaleiros da Távola Redonda um “melhor cavaleiro” se esta foi feita para manter a igualdade entre eles?

Isso acontece porque a cavalaria desse período passa por algumas transformações, dentre elas a própria influência da Igreja sobre essa instituição. A cavalaria buscava servir como um modelo para os nobres, além de estabilizar os conflitos dentro da própria nobreza, tentando consolidar a estrutura social dessa classe. Como dito no primeiro capítulo dessa monografia, a elitização da cavalaria chegou a tal ponto, que esta passou a ser uma casta hereditária.

Na *Demanda*, vemos os ideais da cavalaria sendo aplicados: a busca por aventuras, proteção das donzelas em perigos e a defesa dos princípios do Cristianismo, além da lealdade entre os cavaleiros. Esse é o modelo de cavaleiro cortês que a literatura arthuriana – com obras escritas muitas vezes por bispos cristãos – ajudou a propagar durante os séculos XII a XV. Há na fonte, uma preocupação em relação à linhagem dos cavaleiros que fica evidente: em um dos capítulos é descrito o nome dos cento e cinquenta cavaleiros que fazem parte da Távola e sua correspondente linhagem¹²⁹. Todos eles estão ligados a grandes reis ou homens de alta estirpe. Isso também acontece quando Galaaz é apresentado à corte de Arthur: nas palavras do ermitão que acompanha Galaaz, este é “o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim¹³⁰”.

Do século XII para o século XIII há uma mudança no propósito da cavalaria. O cavaleiro deixa de ser apenas cortês e passa a ser cristão. Essa passagem se dá com a, cada vez maior, influência da Igreja nas classes sociais da Idade Média.

¹²⁹ *A DEMANDA. Op. Cit.*

¹³⁰ *Idem.* p. 30

[...] Neste sentido, o amor cortês é criticado e a virgindade e a fidelidade aos ideais cristãos são valorizados em algumas obras literárias, numa aproximação dos cavaleiros com o ideal das ordens militares, como os templários. Este é ao mesmo tempo um momento em que a cavalaria como instituição encontra-se em crise em virtude da perda nas Cruzadas. Daí a necessidade de revalorização do caráter cruzadístico dos cavaleiros, visando conter a agressividade deste grupo social¹³¹.

O melhor cavaleiro do mundo – o cavaleiro cristão – é aquele que luta pela sua fé, além de proteger e propagar os valores do Cristianismo. Utilizando toda a sua retórica para cristianizar essa classe de guerreiros nobres, a Igreja espalha um modelo de cavalaria celestial que estaria compromissada com os ideais religiosos de bondade, castidade, justiça e caridade¹³².

[...] Assim, a aristocracia beneficia-se de um importante acréscimo de legitimidade, pois, ao mesmo tempo que os clérigos se esforçam para canalizar e enquadrar a atividade e a ideologia cavaleirescas, eles afirmam que o ofício das armas foi desejado por Deus e se mostra necessário, desde que seja posto a serviço de fins justos¹³³.

Percebemos então, que Galaaz se destaca de seus pares por seguir os princípios da fé cristã. Segundo Baschet, nos fins do século XII, os nobres que queriam manter sua posição ou se destacar em relação aos seus não poderiam ser apenas bravos guerreiros, corajosos e fortes, mas também serem sábios

[...] o que, além da obrigação vassálica de ser homem de bom conselho, supõe incorporar uma ética marcada pelo ensinamento clerical e reconhecer que a dominação social não pode se legitimar apenas pela força, mas impõe também a preocupação com a justiça e o respeito dos valores espirituais promovidos pela Igreja¹³⁴.

Com isso, vemos que essa igualdade dos cavaleiros corresponde apenas aos seus feitos em armas, não aos seus valores morais. Esse passa a ser o discurso da Igreja para intervir na sociedade, buscando liberar os homens de seus pecados a fim de que alcancem a salvação. Essa relação de pecado e virtude dos cavaleiros será explanada no próximo capítulo.

¹³¹ ZIERER, Adriana. “Eleitos versus pecadores: o ideal cavaleiresco n’A *Demanda do Santo Graal*”. *Revista Crítica Histórica*, ano IV, nº 7, Julho/2013, p. 215.

¹³² SOUZA, Neila Matias de. *Lancelot e Galaaz: a representação do cavaleiro cortês e cristão no imaginário medieval (séculos XII e XIII)*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Maranhão, São Luis, 2008.

¹³³ BASCHET, P. 119.

¹³⁴ *Idem*, p. 121.

4. O Graal e o Mundo Espiritual

4.1. O Outro Mundo

Sabemos, como já foi dito em capítulos anteriores, que o primeiro contato de Arthur com o mundo das fadas se deu quando este perdeu sua espada e Merlim o conduziu até um lago onde a Dama do Lago veio ao encontro do Rei e lhe deu Excalibur em troca de um presente. A partir deste ponto da narrativa, Arthur passa a ser constantemente visitado por fadas em seu reino e a ter um contato maior com o Outro Mundo.

O Outro Mundo céltico tanto pode ser uma terra para os mortos, como um local onde vivem os deuses. Para os celtas, este local não é isolado: mesmo em vida, podemos alcançá-lo, num constante ir e vir, além de podermos encontrá-lo em regiões não muito distantes, muitas vezes perto de águas brumosas¹³⁵. Em alguns episódios da literatura arthuriana, vemos os heróis que, em busca de aventuras, acabam por visitar este mundo desconhecido e habitado por seres feéricos. Esse contato com o Outro Mundo – também conhecido como Annwn – muitas vezes se dá através da água: seja um rio, lago ou mar¹³⁶.

Segundo Eliade, poderíamos dizer que as águas que separam o mundo terreno do espiritual – O Outro Mundo – é uma espécie de limiar que diferencia o “espaço” sagrado do profano¹³⁷. Segundo o autor “o limiar, a porta, *mostra* de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de *passagem*¹³⁸”.

Como podemos perceber, Annwn não se encontra em uma realidade paralela, pelo contrário, faz parte do mundo dos homens. Isso ocorre porque não há uma divisão física entre os mundos: nas narrativas arthurianas, por exemplo, a ilha de Avalon é diferente deste mundo,

¹³⁵CANTARELLI, Raquel de Vasconcellos. *O conto maravilhoso celta e os fatores envolvidos nas transformações de sua morfologia*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

¹³⁶SILVA, Diogo dos Santos. *REX QUONDAM, REXQUE FUTURUS: sobre a essência divina dos heróis*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura: Literatura Comparada). Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura: Literatura Comparada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<http://www.ciencialit.letas.ufrj.br/trabalhos/2007/diogodossantos_rexquodam.pdf> Acesso em: 29/10/2014.

¹³⁷ELIADE, *O Sagrado e o Profano*. Op. Cit. p, 29.

¹³⁸Idem, p. 29

mas com as mesmas características – como se um fosse a continuação do outro – isso acontece porque as realidades se permeiam¹³⁹.

A etapa da jornada analisada aqui por mim será o que Campbell chama de *O Caminho de provas* – que corresponde a segunda seção da Jornada do Herói, *A Iniciação*. Nessa seção, após cruzar o limiar – o *Ventre da Baleia*¹⁴⁰ – o herói passa por diversas provas e deve sobreviver a todas¹⁴¹. Para esta etapa, os amuletos juntamente com os conselhos que o herói obteve de seu mentor são fundamentais para a conclusão destas provas. Nas palavras de Campbell

[...] O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana¹⁴².

Este caminho, nas narrativas arthurianas, é percorrido não apenas por Arthur, mas também por seus cavaleiros, principalmente por aqueles que encontram o Graal – o que será tratado mais a frente, ainda neste capítulo.

O Rei Arthur percorre esse caminho no que diz respeito a manter seu reino unido e sob controle. Para isso, luta com diversos reis e faz alianças com outros, sempre sob orientação de seu mentor, o sábio Merlim. Esse *caminho de provas* é constantemente retratado no mito-aventura¹⁴³. É nela que o herói tem que enfrentar testes que o qualificarão como vencedor. Esta etapa é constantemente repetida durante as narrativas, visto que a cada etapa surgem novos desafios e novos inimigos.

[...] A partida original para a terra das provas representou, tão-somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras – repetidas vezes. Enquanto isso, haverá

¹³⁹ GIOISA, Elenice. *Mito Arturiano e Processo de Individuação: caminhos para uma educação de Sensibilidade na relação ensino-aprendizagem de Inglês*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/gepi/downloads/RESUMO DISSERTACOES GEPI/2007 TESE ELENICE GIOISA.pdf>> Acesso em: 29/10/2014.

¹⁴⁰ Nessa seção, o herói passa pelo primeiro limiar, ou seja, por uma esfera de renascimento que é simbolizada pelo ventre da baleia (alusão ao útero). Ao passar pelo limiar, o herói é jogado ao desconhecido e fica com a impressão de que morreu. In: CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

¹⁴¹ CAMPBELL, *Op. Cit.*

¹⁴² *Idem*, p. 102.

¹⁴³ *Idem*.

uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se pode reter e relances momentâneos da terra das maravilhas¹⁴⁴.

Como foi dito, essa parte da jornada não pertence somente a Arthur: este caminho desdobra-se do rei para os seus cavaleiros. Não que isso não corresponda a uma outra etapa dessa estrada para Arthur: abrir mão dos cavaleiros da Távola Redonda para que estes busquem a “solidez” do reino já decadente faz com que o rei trilhe outro percurso, passe por outras provas nesse ínterim. A fonte que melhor retrata essa seção da Jornada é *A Demanda do Santo Graal*, pois narra as aventuras dos cavaleiros de Arthur na busca pelo Santo Cálice, o Graal.

Esta fonte foi escrita por um anônimo por volta de 1230 e 1240 em francês – *Queste del Saint Graal*. Os manuscritos que a contém estão fragmentados, ou seja, não a possuem de forma completa. Em português há uma Demanda pertencente à Biblioteca Nacional de Viena sob o códice 2594, que é uma cópia do tempo de D. Duarte (1420-1438), não tendo sido preservada a tradução que poderia remontar ao século XIII¹⁴⁵.

Uma das primeiras perguntas que me fiz ao escolher utilizar tal fonte na monografia foi: como o mito sobre um herói bretão e escrito por franceses foi parar em Portugal? Durante o século XIII, cantores e recitadores difundiam o ideal cavaleiresco por toda a Europa Ocidental. Durante a estadia de Afonso III na França como vassalo de Luiz IX, este teve contato com a literatura arthuriana. Após seu casamento com D. Matilde, volta para Portugal em 1245 trazendo consigo um exemplar da Demanda que, depois, mandou traduzir¹⁴⁶. Essa obra ajudou o monarca a depor seu irmão Sancho II, dando a este uma imagem positiva além da ideia de um rei invencível assim como Arthur¹⁴⁷.

A Demanda portuguesa é dividida em três partes. A primeira trata das aventuras dos cavaleiros que saem em busca do Santo Graal após seu desaparecimento da corte de Arthur. A segunda conta como o Santo Vaso foi encontrado pelo cavaleiro perfeito, Galaaz. E a terceira narra o declínio do rei e sua morte mítica.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 102

¹⁴⁵ MEGALE, Heitor. “Introdução”. In: *A DEMANDA do Santo Graal. Op. Cit.*

¹⁴⁶ ZIERER. “Artur como modelo régio” *Op. Cit.*

¹⁴⁷ *Idem*.

A seguir, trarei algumas fontes literárias medievais na qual esse objeto aparece, além de uma gama de possibilidades e significados para o termo Graal e sua ligação com o mundo espiritual ou o Outro Mundo.

4.2. Em busca do Graal

No começo do ano de 2014, a imprensa foi assediada com a notícia de que o verdadeiro Santo Graal havia sido encontrado em uma cidade da Espanha. A partir disso, várias histórias sobre o objeto sagrado passaram a ser contadas. Na verdade, o Cálice Sagrado sempre esteve no meio de discussões quando o assunto são as relíquias sagradas. Todo o imaginário que a cristandade latina produziu (e ainda produz) sobre essa relíquia, foi a grande responsável pela difusão do tema, gerando um enorme fascínio sobre quem têm contato com ela. Esse caráter fascinante muito foi favorecido pela sua característica mística, que liga o sagrado e o profano em um único objeto (uma hierofania, como já foi explicado no primeiro capítulo).

Quando falamos em Graal, logo nos lembramos do cálice em que Jesus bebeu vinho na Última Ceia ou na taça na qual José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo quando este foi ferido pela lança do centurião romano enquanto estava na cruz. Mas, ao longo do tempo e o desenrolar das narrativas em torno deste objeto, uma variedade de formas foi apresentada como sendo o Graal. Isso acontece porque “o Graal pode se manifestar de maneiras variadas para quem o procura. Pode ser um objeto terreno, que pode ou não ser dotado de caráter sagrado; pode ser a meta de uma busca espiritual¹⁴⁸”. Essas múltiplas representações se dá, pois não existe uma única história envolvendo tal objeto.

Com as Cruzadas e todo o mistério que envolve os Templários e sua participação nesta, geraram uma literatura vasta, repleta de caráter religioso e formas variadas para este elemento. Muitas obras foram escritas por monges, principalmente das ordens cistercienses e beneditinos¹⁴⁹. No ciclo arthuriano, quem primeiro inseriu a temática do Graal foi Chrétien de Troyes em seu *Perceval ou o Romance do Graal*, escrita entre 1180 e 1190. O personagem principal do romance é Perceval, um cavaleiro inocente que foi sagrado por Arthur sem ter conhecimento da vida cavaleiresca. Ao chegar ao castelo de um rei, este vislumbra o Graal, mas fica sem perguntar a quem o serve. A narrativa gira em torno dessa pergunta que Percival deixou de fazer para o objeto que aparece em um cortejo. Infelizmente, o autor morre antes de

¹⁴⁸ RALLS, Karen. *Os templários e o Graal*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 161.

¹⁴⁹ *Idem*.

terminar sua obra, o que deu a possibilidade de diversos outros autores escreverem uma continuação para a história.

Em outra obra, escrita entre 1200 e 1210 por Wolfram von Eschenbach, o personagem principal que dá nome a obra é *Parzival*. A história está fortemente entrelaçada com a obra de Chrétien, embora o autor diga que sua fonte é o poeta Kyot, o provençal¹⁵⁰. Nessa narrativa, o Graal é uma pedra luminosa caída do céu.

Percebemos variedades de formas que esse objeto sagrado possui. Temos o Graal cálice, pedra, taça, sangue, lança¹⁵¹, entre outros que não vamos abarcar nessa pesquisa. Começamos, então, a demonstrar a diversificação desse objeto.

Muitas vezes o termo taça e cálice são complementares, mas referente ao Graal eles possuem significações diferentes. Quando é dito que o Graal é um cálice, este se refere ao cálice que Jesus bebeu vinho junto com seus discípulos na Santa Ceia. Quando se especifica como taça, atribui-se a taça onde José de Arimatéia recolheu o sangue derramado de Cristo devido ao ferimento a lança que o centurião romano empregou quando este ainda estava da cruz. No que diz respeito ao sangue como forma de Graal, não se relaciona apenas a este que José de Arimatéia recolheu, mas também, segundo a autora Karen Ralls¹⁵², a descendência de Jesus Cristo, continuada através de seus filhos com Maria Madalena. No caso do Graal como pedra – e o romance de Wolfram retrata isso – esta se refere a uma pedra preciosa que caiu da coroa de Lúcifer durante uma guerra no céu. Essa referencia a pedra pode ser feita também com relação à Pedra Filosofa ou mesmo a Pedra da Morte – sendo esta uma alusão alquímica¹⁵³.

Na obra *A Demanda do Santo Graal*, o graal é apresentado como o cálice sagrado. Ele alimenta tanto material como espiritualmente os humanos, além de efetuar milagres. Quando aparece na corte arthuriana, este veio, depois de um trovão, repleto de luz e fez com que todos no recinto ficassem maravilhados com tal visão.

[...] Contra a noite, depois de vésperas, quando se assentaram às mesas, ouviram vir um trovão tão grande e tão espantoso, que lhes pareceu que todo o paço caía. E logo depois que o trovão deu, entrou uma tão grande claridade, que tornou o paço dois tantos mais claro que era antes. E quantos

¹⁵⁰ PATIER, A. R. Schmidt. “Prefácio”. In. ESCHENBACH. *Parzival*. *Op. Cit.*

¹⁵¹ O tema da lança será trabalhado mais profundamente ainda nesse capítulo.

¹⁵² RALLS, *Op. Cit.*

¹⁵³ *Idem.*

no paço estavam sentados, logo todos foram repletos da graça do Espírito Santo e começaram a olhar uns aos outros, e viram-se muito mais formosos, muito mais do que costumavam ser, e maravilharam-se muito do que aconteceu e não houve quem pudesse falar por muito grande tempo, antes estavam calados e olhavam-se uns aos outros. E eles assim estando sentados, entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem. E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um. E depois que teve cada um o de que houve mister a seu prazer, saiu o santo Graal do paço que ninguém soube o que fora dele, nem por qual porta saíra. E os que antes não podiam falar, falaram então. E deram graças a Nosso Senhor, que lhes fazia tão grande honra e os confortara e abundara da graça do santo Vaso. Mas sobre todos aqueles que alegres estavam, mais o estava rei Artur, porque maior mercê lhe mostrara Nosso Senhor que a nenhum rei que antes reinasse em Logres. Disto foram maravilhados quantos lá estavam, porque bem lhes pareceu que se lembrara Deus deles, e falaram muito disso.

Na obra, o reino de Arthur está decadente por causa dos pecados¹⁵⁴ do monarca e isto faz com que o Graal abandone o reino. Para restabelecê-lo, os cento e cinquenta cavaleiros da Távola Redonda partem em demanda do Graal. Apesar de a cavalaria arthuriana ser um modelo de conduta e comportamento, apenas doze destes adentram na câmara onde o Graal se encontra. Isso ocorre porque os demais cavaleiros possuem pecados, entre eles: a luxúria, a mentira e a inveja¹⁵⁵. Baschet afirma que os pecados

[...] rompem, então, a harmonia hierárquica da sociedade cristã, atentando contra a justa medida do poder exercido pelos dominantes, contra a submissão que os dominados devem manifestar, e contra a concórdia que deve reunir a todos no vínculo da caridade¹⁵⁶.

O Cristianismo e, por conseguinte, a Igreja durante a Idade Média pregavam um modelo de conduta baseado na oposição entre o bem e o mal, onde os pecados e as virtudes constituíam categorias fundamentais que diziam respeito a moral da sociedade¹⁵⁷. É nesta época que os pecados capitais aparecem como uma forma de manter a ordem dessa sociedade, além de difundir os valores da Igreja e aumentar o seu controle sobre a população¹⁵⁸. Conforme Baschet,

¹⁵⁴ O principal pecado de Arthur diz respeito ao incesto que comete quando se deita com sua irmã, Morgana, e tem com ela um filho. Na fonte *A Demanda do Santo Graal*, o filho ilegítimo é Arthur, o pequeno, e não Mordred.

¹⁵⁵ ZIERER, *Op. cit.*

¹⁵⁶ Baschet. *Op. Cit.* p. 379.

¹⁵⁷ *Idem.*

¹⁵⁸ *Idem.*

[...] No geral, o discurso sobre os pecados, amplamente assumido pelas ordens mendicantes a partir do século XIII, ecoa as transformações sociais e, em particular, o desenvolvimento das cidades. Ele confere uma atenção crescente ao universo dos laicos, não para reconhecer positivamente os seus valores específicos, mas para denunciar mais eficazmente seus defeitos e para ordená-lo conforme os valores da Igreja¹⁵⁹.

Levando isso em conta, apenas o cavaleiro mais puro conseguiria encontrar o Graal. Esse cavaleiro é o “melhor cavaleiro do mundo”: Galaaz. Como dito no capítulo anterior, Galaaz tem esse “título” por ser um cavaleiro cristão – o que o diferencia dos outros cavaleiros que são apenas cortesões. Seu modelo de conduta vai de encontro ao que o Cristianismo pregava: a castidade (ou virgindade). Apesar de serem três os cavaleiros que encontram o Graal – Galaaz, Percival e Boorz – apenas o primeiro é casto, visto que não possui desejo sexual por nenhuma mulher.

Na obra de Thomas Malory, o rei Arthur é considerado o melhor rei do mundo, pois consegue unificar todo o reino. Na *Demanda*, Arthur continua sendo o melhor rei, mas não é bom o suficiente para encontrar o Graal, isto porque é um rei pecador e, por seus pecados, o Graal retira-se do seu reino. Apenas um cavaleiro puro e livre de pecados conseguirá encontrá-lo novamente.

Durante toda a narrativa, Galaaz possui um comportamento e uma postura que não deixam dúvidas do motivo dele ser o eleito. Apesar disso, suas penitências o ligam ao mundo espiritual, o que faz com que ascenda junto com o Graal para o Outro Mundo.

Como dito anteriormente, o Graal pode assumir diversas formas, dentre elas as mais conhecidas são: o cálice, vaso, taça, pedra, sangue e lança. Isso se dá porque o Graal possui um rico imaginário a sua volta.

Na obra *Percival ou O Romance do Graal*, Chrétien de Troyes nos conta a história de Percival, um jovem modesto que vivia com a mãe em um lugar isolado, longe da vida da corte e da cavalaria. Um dia, enquanto caçava na floresta, Percival vê, pela primeira vez, um cavaleiro. Maravilhado com tal visão, o jovem o compara a anjos e chega a perguntar para o cavaleiro que vem a frente se ele é Deus. O cavaleiro, educadamente, nega e explica um pouco sobre o mundo da cavalaria, o que faz com que Percival tenha desejo de se juntar a esse mundo, mesmo contra a vontade de sua mãe.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 380.

Percival parte, então, para a corte de Arthur para pedir que este o consagre cavaleiro. Antes disso, o personagem passa por algumas situações que faz com que nós, leitores, percebamos a base de educação que ele tinha: a de ignorância quase completa, ou melhor, a de uma profunda ingenuidade. Creio que o autor cria o personagem com essa característica para resaltar o que foi dito anteriormente: que todos são iguais perante a Deus e que mesmo alguém inculto como Percival pode alcançar o Divino.

Seguindo com a história, após se tornar cavaleiro Percival parte ao encontro da mãe, pois muito o atormenta tê-la deixado. No caminho, ele encontra o castelo do rei pescador. Ao entrar no castelo, Perceval encontra abrigo e um anfitrião aleijado. Enquanto conversavam, eis que entra no recinto um valete carregando uma lança com uma gota de sangue na ponta, seguido por outro com candelabros e donzelas que traziam uma taça e um prato.

[...] veio de um aposento um valete que segurava lança brilhante, empunhada pelo meio. Passou ao largo do fogo e dos que estavam sentados. Uma gota de sangue vertia da ponta de ferro da lança; e até a mão do valete deslizava essa gota rubra. O jovem hóspede vê a maravilha e se refreia para não perguntar o que significa. É que recorda as palavras de seu mestre de cavalaria. Não ensinou ele que homem jamais deve falar demais? Fazer pergunta é vilania. Assim, não diz palavra.

Chegam então dois valetes segurando na mão candelabros de fino ouro nigelado. Mui belos homens eram os valetes que portavam os candelabros. Em cada candelabro ardiam dez velas pelo menos. Uma damizela mui bela e esbelta e bem trajada vinha com os valetes, trazendo nas mãos uma taça. Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse Graal que as velas perderam a claridade, como as estrelas quando desponta sol ou lua. Atrás vinha outra damizela, portando um prato de prata. O Graal que ia à frente era feito do ouro mais puro. Tinha pedras engastadas, pedras de muitas espécies, das mais ricas e preciosas que existem no mar ou em terra. Nenhuma poderia ser comparada às que recamavam o Graal. Assim como havia passado a lança, as pedras passaram diante dele. Foram de um aposento para outro. O jovem os viu passar, mas não ousou perguntar a quem apresentavam esse Graal no outro aposento, pois tinha inda na mente as palavras do homem sábio, seu mestre de cavalaria¹⁶⁰.

Esse cortejo do Graal passa três vezes por Percival e seu anfitrião, mas nosso herói fica sem fazer a pergunta: a quem o Graal serve? – é nessa pergunta não feita que a narrativa se centra e se desenvolve. Notamos, na passagem descrita, que o Graal não possui apenas uma forma, mas três: lança, taça e prato. Como já foi dito, quando descrito como taça, o Graal simboliza o recipiente no qual José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo quando este estava na cruz; mas, quando é descrito como prato esse se refere a travessa na qual Jesus

¹⁶⁰ TROYES. *Op. Cit.* p. 66-67.

comeu o cordeiro pascal na Santa Ceia com seus apóstolos. Mas, e a lança? Ao quê esse Graal se refere?

Diretamente ligado à história de Cristo, o Graal como lança refere-se à lança usada pelo centurião romano que feriu Jesus enquanto este ainda estava na cruz¹⁶¹. Essencialmente ligada ao poder¹⁶², a lança como Graal também se relaciona como fonte de alimento, já que na obra inacabada de Chrétien ele alimentava o rei pescador. Assim como o Santo Vaso na *Demanda*, a lança se conecta a fertilidade da terra, tendo esta um resultado sobre a saúde do rei enfermo e a prosperidade do reino.

A lança é uma arma tipicamente celta, mas sua origem é muito vaga¹⁶³. Sua associação se dá com a lança flamejante do deus Lugh¹⁶⁴ que cujos “ferimentos são mortais, o golpe implacável e inexorável¹⁶⁵”. Assim como a espada, a lança também está relacionada à luz e simbolizam o poder. Na mitologia celta, a lança do deus Lugh era um dos tesouros dos Tuatha Dé Danann, trazido para as ilhas britânicas pelo Dagda – um dos principais deuses da mitologia irlandesa¹⁶⁶.

Notamos, nos contextos expostos acima, que o Graal é uma relíquia puramente cristã. Mas a função desse objeto não pertence apenas ao Cristianismo. Como vimos, o graal cálice ou taça está diretamente ligado a Cristo, mas sua principal virtude – a de fornecer alimentos – encontra respaldo em outras mitologias, principalmente na celta. É o caso, por exemplo, do caldeirão (também chamado de cornucópia) de Dagda que tem o poder de “alimentar todos os homens da terra¹⁶⁷”. Esse caldeirão fornecia todo o alimento que fosse desejado, além de nunca ficar vazio e deixar nenhum homem com fome. Inclusive restabelecia a vida de guerreiros mortos em batalhas, mas tinha como consequência deixá-los sem voz¹⁶⁸.

¹⁶¹ João, 19: 34.

¹⁶² Por conta disso, os relatos sobre essa lança se multiplicaram, inclusive relacionada a grandes nomes como Napoleão e Hitler. In: MARIANO, Vito. *A Idade Média e a Criação do Graal*. São Paulo: Scortecci Editora, 2013.

¹⁶³ Na cultura celta acredita-se que se um objeto fez alguém sangrar, este sangrava sempre que a pessoa passava por ele. In: NOGUEIRA, Anabela Garcia Ferreira Pinto. *Roger Sherman Loomis: Uma perspectiva celtizante da literatura medieval*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literaturas Francesas), Universidade do Minho, Campus de Gualtar, Braga, 2004.

¹⁶⁴ Deus solar dos celtas,

¹⁶⁵ CHEVALIER; GHEERBRANT. *Op. Cit.* p. 535.

¹⁶⁶ MARQUES. *Op. Cit.*

¹⁶⁷ SPALDING, Tassilo Orpheu. “Dicionário de mitologia”. São Paulo: Cultrix, 1993. *Apud.* PAZ, Demétrio Alves. *Galaaz: a cristianização do herói do graal*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira/Portuguesa). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

¹⁶⁸ SILVA, Diogo dos Santos. *Op. Cit.*

Para os celtas, o caldeirão sempre foi um objeto sagrado e de grande importância, e muitas vezes relacionado a uma figura feminina, pois este representa o ventre da mulher que gera a vida, além de estar associado também a fertilidade, o renascimento e a vida. Diretamente associado à Deusa, este objeto aparece em diversos mitos irlandeses e galeses, entre eles o do deus Bran. Esse deus da guerra possuía um caldeirão que ressuscitava seus guerreiros mortos. Além disso, curava os ferimentos dos que adentravam no caldeirão¹⁶⁹.

Percebemos que o Graal, seja ele cristão ou pré-cristão, possui como virtude e finalidade restabelecer a vida, dando a ela meios de se manter. Ou seja, é um símbolo de poder e de vida. O caldeirão pagão tornou-se o Graal cristão, mas seu sentido passou a ser mais metafórico e, por que não, mais místico do que antes. Creio que essa relação se dá no que o Graal representa para quem o busca: por ser uma manifestação única do divino, cada pessoa encontra o que procura e cada um possui uma percepção dessa ligação com o sagrado. Essa busca pelo Graal deve ser individual, ou seja, um caminho sem caminho: porque quando existe um caminho ele pertence a outra pessoa¹⁷⁰ e, assim, a busca deixa de ser pessoal.

Outra diferença entre a cultura celta e a cristã está na busca. Para os celtas a busca é mais importante que o objeto em si. Já no Cristianismo, percebemos, o motivo da busca está diretamente ligada ao Graal. Esses dois temas estão interligados entre si, pois a busca dá sentido ao Graal, ou seja, só quem aceita a busca e as aventuras/percalços que dela provem, encontram o Santo Vaso. É através da busca, também, que o Graal “escolhe” a quem se mostrar – visto que só os mais dignos encontram o objeto.

N’A *Demanda do Santo Graal*, o Graal aparece pela última vez no reino arthuriano no dia de Pentecostes. Pentecostes é uma celebração cristã comemorada após cinquenta dias após o domingo de Páscoa, onde se celebra a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos de Jesus¹⁷¹. Nota-se nessa obra – como já foi dito outras vezes – o forte cunho cristão da narrativa. Sua cristianização permeia vários elementos ao longo da narrativa: além do Graal, vemos isso como a Távola Redonda – que passa a ser o altar que recebe o Santo Vaso –, os cavaleiros – os doze que entram no castelo do Graal fazem alusão aos doze apóstolos – e com o Outro Mundo – que passa a ter características do paraíso cristão.

¹⁶⁹ COSTA. *Op. Cit.*

¹⁷⁰ *Idem.*

¹⁷¹ A passagem na Bíblia que descreve tal evento encontra-se em Atos, 2: 1-4.

Algo interessante no mito arthuriano é a sua formação literária. Composta por diversas outras histórias, o mito não se funde em um único personagem¹⁷², mas se passam no reino de Arthur. Por conta disso, encontramos – principalmente na fonte citada anteriormente – relatos de personagens paralelos que, num todo, formam uma história rica em detalhes. Nessa mesma fonte, ainda percebemos que o papel do rei Arthur passa a ser de coadjuvante, enquanto as aventuras dos Cavaleiros da Távola Redonda assumem a frente da narrativa.

Arthur, por ser coadjuvante na obra, pode assumir um papel de inferioridade perante os outros guerreiros de seu reino. Mas o rei ainda mostra qualidades que o fazem um rei perfeito e eleito por Deus, tais como a habilidade e destreza com as armas e o seu senso de justiça. Porém, isso não é suficiente para manter o Graal em seu reino: por conter vícios que vão contra a moral do Cristianismo, o rei e todo o seu reino são privados do convívio do Santo Vaso. Por se considerar e se reconhecer como um pecador, Arthur atribui a isso o motivo do Graal ter abandonado o reino¹⁷³. Sem alimentos, seu reino passa, então, a sofrer a consequência da ausência do Vaso¹⁷⁴.

Percebemos, então, que a narrativa centra-se nos vícios e virtudes tanto do rei como dos Cavaleiros. Segundo Baschet,

[...] O discurso moral e a insistência sobre o além participam de um conjunto de crenças e de ritos que justificam a organização da sociedade aqui embaixo e, em particular, o lugar dominante dos clérigos, mediadores obrigatórios que dispõem dos meios que permitem a todos superar as tentações do Inimigo e alcançar o paraíso¹⁷⁵.

Ou seja, através da obra *A Demanda do Santo Graal*, a Igreja estimula seus ideais e faz com que mesmo um cavaleiro modesto ou sem grandes feitos em armas – Perceval ou Galaz – se equiparem a Arthur.

4.3. O Sacrifício de Arthur

¹⁷² Alguns exemplos dessas narrativas são: Lancelot, Tristão e Isolda, Ivain, Érec e Éneide. In: SARAIVA; LOPES. *Op. Cit.*

¹⁷³ ZIERER. “Arthur como modelo régio...” *Op. Cit.*

¹⁷⁴ Essa relação de falta de comida durante o período medieval acarretará em uma literatura utópica centrada na abundância de alimentos – País da Cocanha. In: FRANCO JR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁷⁵ Baschet, *Op. Cit.* p. 408.

Como dito no começo desse capítulo, vemos, no mito arthuriano, uma constante mescla entre os mundos – terreno e espiritual. Na fonte *A Demanda do Santo Graal*, durante toda a narrativa – por contar uma história onde a corte de Arthur já está consolidada – há essa mescla, um ir e vir, um contato com o mundo espiritual ou o Outro Mundo. Como vimos no capítulo anterior, esse mundo espiritual não é separado do terreno por uma fronteira física, o que acaba corroborando para junção entre ambos.

Isso corresponde, segundo Campbell, a terceira seção da Jornada do Herói, mais especificamente da etapa denominada por ele como *Senhor dos Dois Mundos*¹⁷⁶. Esta parte se refere ao herói que aceitou o chamado, ouviu os conselhos de seu mentor, aceitou seus amuletos para fazer a passagem pelo limiar e chegar ao Outro Mundo e que agora retorna ao seu mundo com o resultado da busca.

Apesar de ambos os mundos possibilitarem um entrelaçamento mútuo, eles são distintos entre si, “diferentes como a vida e a morte, o dia e a noite¹⁷⁷”, mas, ao mesmo tempo, são “um só e único reino¹⁷⁸”.

[...] O reino dos deuses é uma dimensão esquecida do mundo que conhecemos. E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói. Os valores e distinções que parecem importantes na vida normal desaparecem com a terrificante assimilação do eu naquilo que antes não passava de alteridade¹⁷⁹.

No reino arthuriano, há esse constante ir e vir do mundo terreno para o Outro Mundo, seja dos heróis que partem do mundano para o espiritual como o contrário também pode ocorrer, com as fadas e donzelas que vêm ao reino muitas vezes portando aventuras aos heróis. Quando se refere ao próprio Arthur, essa passagem ao mundo das fadas é carregada de simbolismo e não tem como não compará-lo a Jesus. Campbell afirma que

[...] Os mitos não costumam apresentar numa única imagem todo o mistério do livre trânsito. Quando o apresentam, o momento é um precioso símbolo, cheio de importância, a ser tratado como um tesouro e contemplado. Um desses momentos foi a Transfiguração de Cristo¹⁸⁰.

Como já foi dito em capítulos anteriores, esse caráter messiânico do Rei Arthur é o que torna o mito ainda mais rico. Sua comparação a Jesus Cristo também está presente em seu

¹⁷⁶ CAMPBELL. *Op. Cit.*

¹⁷⁷ *Idem*, p. 213.

¹⁷⁸ *Idem*.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 213.

¹⁸⁰ *Idem*, p. 225.

caráter humilde, além da realeza, mas o mais significativo é a mensagem que fica ao fim da história: o rei morreu ou está apenas se recuperando de seus ferimentos e voltará em breve?

Essa história¹⁸¹ começa após o término da demanda pelo Santo Graal, quando Arthur descobre a traição de Lancelot e de sua esposa, a rainha Guinever. O Rei busca por vingança contra Lancelot, o que ocorre em um combate. Logo após este, Arthur descobre outra traição, a de seu sobrinho Mordred, que usurpou o trono. Então, o rei e seu sobrinho travam uma batalha, que faz ambos ficarem mortalmente feridos. E é por causa desse ferimento que o caráter messiânico de Arthur aparece¹⁸².

Além do caráter messiânico entre Arthur e Cristo, ambos possuem outra característica que os une: o sacrifício que realizam para “um bem maior”. Sabemos, segundo a tradição cristã, que Jesus se sacrificou na cruz pelos homens, melhor dizendo, pela humanidade, pois esta não acreditava que Ele era o filho de Deus¹⁸³. Já Arthur se sacrifica pelo seu reino, pois seu sobrinho tentava lhe usurpar o trono.

Quando falamos em *sacrifício* lembramos logo de uma vítima (humana ou coisa) que se voluntaria a “deixar de existir” para alcançar algo maior que ela. Essa forma de sacrifício é carregada de aspecto religioso, visto que seu principal objetivo é ligar o sacrificante a uma divindade¹⁸⁴. Mas esse não é o único aspecto do sacrifício. Este, além de um ato religioso – pois liga a pessoa/coisa sacrificada a deus – é também um ato de altruísmo, abnegação e renúncia, pois favorece outra pessoa ou um grupo social. O sacrifício feito por Jesus e Rei Arthur tem esse significado de renúncia, pois ambos desejam um bem maior para os que os cercam¹⁸⁵.

Na história de Arthur, o levante de Mordred se deu quando o rei parte atrás de Lancelot e deixa a frente do reino seu sobrinho. Ao saber da traição, Arthur retorna e uma grande batalha acontece entre ambos. Os dois, após grandes feitos em armas, ferem-se mutuamente de morte. Sabendo de suas feridas, Arthur pede a seu amigo Gilfrete que jogue Excalibur em

¹⁸¹ A história de Arthur aqui relatada é com base na fonte *A Demanda do Santo Graal*.

¹⁸² Como mostrado no primeiro capítulo dessa monografia, a fonte *A Demanda do Santo Graal* do ciclo da *Post-Vulgata* compreende a duas obras do ciclo da *Vulgata*: *A Demanda do Santo Graal* e *A morte de Artur*. Esta última obra – inserida na fonte aqui analisada – relata a traição de Lancelot e da rainha Guinevere, além da luta entre Mordred e Arthur.

¹⁸³ João, 19: 16-18.

¹⁸⁴ Para mais detalhes ver MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

¹⁸⁵ Arthur se sacrifica não apenas para tomar seu trono de volta, mas para libertar sua esposa – que Mordred queria para si – e seu povo que passou a ser subjulgado pelo sobrinho do rei.

um lago – o que é protelado por este por três vezes. Ao jogar a espada nas águas do lago, Gilfrete vê uma mão sair das águas e pegar a espada. Quando retorna ao rei para lhe contar o que aconteceu, Arthur pede que a seu amigo que se separem, pois eis chegada sua hora. Gilfrete segue o conselho do rei, mas volta para ver como Arthur estava, e vê uma barca de mulheres ir ao encontro do rei e levá-lo para longe.

Sem saber do que aconteceu ao rei, Gilfrete parte em direção a capela. Ao fim de alguns dias, chega ao seu destino e encontra dois túmulos, tendo um deles um letreiro que informava que Rei Arthur jazia ali. Não acreditando no que via, mandou erguer a lápide. Ao ergue-la viu que o corpo do rei não estava lá.

Nasce então o mito de que Rei Arthur retornará. Nas palavras de Gilfrete:

[...] Em vão me esforçarei por perguntar como rei Artur morreu. Verdadeiramente, este é o rei venturoso, cuja morte ninguém saberá; e disse bem a verdade, que como veio ao reino de Logres porventura assim se foi ele porventura. Mas pois vejo que não é proveito procurá-lo, pois não pode ser achado¹⁸⁶.

Essa é, então, a passagem que faz de Arthur o senhor dos dois mundos, pois ele só retornará quando for “necessário para salvar os seus¹⁸⁷”, assim como Jesus retornará no Juízo Final.

¹⁸⁶ *A Demanda*, p. 628.

¹⁸⁷ MAY, Pedro Paulo. *Os mitos celtas*. São Paulo: Angra, 2002, p. 122.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As histórias envolvendo o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda foram, sem dúvida, um dos mitos mais importantes e difundidos na Idade Média. Mas, a cristianização de sua narrativa, foi o que ajudou a enriquecer ainda mais esse mito. Trato como mito as histórias arthurianas, pois, apesar de não contarem uma história sobre a origem do mundo ou se passar nos tempos dos deuses, mesmo assim, elas possuem uma narrativa centrada na “criação”. A “criação”, nesse caso, fica a cargo dos modelos de condutas que o mito ajuda a disseminar na sociedade.

Rei Arthur é um guerreiro bretão que, no século VI, ajudou seu povo na luta contra os saxões. Esse mito ficou conhecido pelo seu caráter messiânico – depois de ser ferido mortalmente pelo seu sobrinho, Arthur é levado para a ilha de Avalon de onde voltará quando seu povo precisar – o que ajudou a “abrir portas” para a cultura cristã infligir a sua ideologia.

A partir do século XII e XIII, vemos obras centradas em Arthur onde a presença do Cristianismo é muito forte. Isso não significa que o mito passou a ser cristão. Pelo contrário, o que foi cristianizado foram alguns elementos da narrativa, não o mito – este continuou sendo pré-cristão (pagão). Isso se deu porque as literaturas célticas são de fundo oral – o que possibilitou ainda mais o enriquecimento do mito. Com a cristianização, principalmente, das ilhas britânicas, esse mito possibilitou a religião cristã transmitir seus valores e morais.

Quando o cristianismo deixou as cidades e foi em direção ao mundo rural, seus alicerces foram reinventados e adaptados, para poder ascender junto às outras regiões não cristianizadas. Nas ilhas, essa religião não era novidade, visto que este era um território que fez parte da dominação romana, mas, mesmo quando o cristianismo passa a ser exclusivo nessa região, o passado pré-cristão continuou forte, dando lugar a uma mescla de culturas entre a romano-cristã e a celta. Ou seja, essa convergência deu lugar a sincretismo e simbioses.

E é esse o ponto central do presente trabalho. Ao analisar alguns elementos cristianizados que fazem parte do mito, propus esclarecer como o Cristianismo utilizou-se desse sincretismo para poder cristianizar o ocidente, melhor dizendo, a cristandade latina. Com a dominação ideológica da Igreja Católica, as narrativas pertencentes à Matéria da

Bretanha passaram a ter elementos da cultura cristã que se sobrepunham aos elementos fantásticos e sobrenaturais típicos do passado celta.

As fontes utilizadas para responder a tal argumentação fazem parte de um período onde o mito já possui elementos cristianizadores – séculos XII e XIII – o que torna possível a averiguação da questão. Os símbolos propostos – Espada, Távola Redonda, Graal e Lança – aparecem nas fontes fortemente entrelaçados com a doutrina cristã, e sua utilização foi fundamental para que esse sincretismo pudesse ocorrer.

Em relação à Espada, notamos que ela é símbolo da soberania de Arthur, mas é dada ao rei em diferentes momentos e locais da narrativa. Enquanto a primeira espada do nosso herói lhe é entregue em uma Igreja – o que lhe confere o título de rei por direito divino – a segunda lhe é dada pela Deusa em um lago, ambiente ligado a esse passado pré-cristão. O sincretismo nesse símbolo encontra-se principalmente no local aonde ele se encontrava: a natureza para os celtas era um lugar sagrado, não precisando de espaços construídos para adorar suas divindades, mas para os cristãos, a Igreja é a “morada do senhor”.

A Espada torna-se, para os guerreiros cristãos, um instrumento no qual Deus operava. Com isso, ela passa a ser uma arma por excelência da luta para a proteção da Igreja contra os infiéis. Para os celtas, dar nome a objetos atribuíam-lhe poderes adicionais. Vemos, então, ao longo da fonte analisada para esse símbolo – *A morte de Artur* de Thomas Malory – que as duas espadas (Espada na Pedra e Excalibur) estão juntas na narrativa e que ambas tem importância diferenciadas ao longo desta. Para o autor, a Espada na Pedra toma, na narrativa, uma importância maior que a Espada Excalibur, isto porque ele escreve em um período onde o mito já esta com elementos cristianizadores. Mas, apesar do Cristianismo utilizar-se da espada como símbolo por excelência de sua religião, ambas as espadas representam, antes de tudo, a unificação entre os mundos terreno e divino/Outro Mundo.

Indo da Espada para a Távola Redonda, analisei alguns pontos que julgava importante, principalmente no que se confere a sua aproximação com a Mesa da Santa Ceia. Para os celtas, o círculo possui características mágicas e celestes, estando presentes em vários de seus símbolos, além de representar a Roda do Ano. A Távola, então, seria uma representação da perfeição e os cavaleiros ao seu redor estariam em harmonia e em perfeita união. Com o advento do Cristianismo, a mesa passa a fazer referência, como dito, a Santa Ceia e os cavaleiros a sua volta seriam comparados aos doze apóstolos, ou seja, seriam os escolhidos

para estar ao lado do messias. Na narrativa, a Távola possui um assento vago/perigoso e que, nessa aproximação com a Santa Ceia, faz referência a Judas Iscariotes – quando o assento é perigoso – e ao próprio Cristo – quando o assento é vago. Apesar de ambas as conotações levarem ao mesmo ponto da narrativa, seus significados são diferentes, pois enquanto um corresponde a Judas e sua traição o outro representa Cristo e a sua perfeição diante dos demais. Dito isso, me questionei: como pode existir entre todos os cavaleiros da Távola Redonda um “melhor cavaleiro” se esta foi feita para manter a igualdade e a harmonia entre eles?

É nesse ponto, também, que notamos a influência da religião cristã agindo sobre o mito: a cavalaria deixa de ser apenas cortês e passa a ser cristã, defendendo os ideais e valores da Igreja e propagando a sua fé.

Isso também ocorre quando o símbolo analisado é o Graal. Inspirado nos caldeirões célticos que eram fontes de alimentos e de regeneração da vida, o Graal cristão passou a ser a taça onde Jesus bebeu o vinho na Santa Ceia com seus discípulos, além de ser também o cálice no qual José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo quando este foi perfurado pela lança do centurião romano enquanto ainda estava na cruz. Só quem consegue alcançá-lo é quem possui a virtude imaculada, sem pecados ou vícios.

Nesse símbolo, novamente, a influência da fé cristã é notavelmente marcante. Pregando um modelo de conduta baseado na oposição entre o bem e o mal – Deus e o Diabo –, a Igreja preconizava uma moral para a sociedade baseada em pecados e virtudes.

Quando analisei o Graal, incluí nesse capítulo o símbolo da Lança visto que esta também é uma forma de Graal, pois se refere à lança da qual o centurião romano – conhecido posteriormente como Longinos – perfurou Cristo e, na obra inacabada de Chrétien de Troyes, esse símbolo também é uma fonte de alimento, o que a liga novamente com o Graal.

Percebemos que o Graal é um símbolo puramente cristão, mas, apesar de estar diretamente relacionado a Cristo, sua principal função – a de fornecer alimentos - encontra respaldo na mitologia celta.

Dito isso, o que notamos acerca da questão levantada foi que esse sincretismo não se deu de forma abrupta. O Cristianismo e, por conseguinte, sua Igreja ganharam muito mais ao aproveitar esse rico “folclore” céltico do que poderiam ter ganho se houvessem se imposto

como religião. Ao inserirem no mito arthuriano elementos cristãos, o próprio mito ficou mais rico, sem perder as suas origens e suas referências célticas.

Outra coisa que notamos foi em relação à escolha dos símbolos propostos para esta análise. No começo, eles podem parecer desconexos entre si, mas, ao longo da Jornada do Herói – também analisada nesse trabalho – vemos que esses elementos são fundamentais para o desenrolar da história. Poderia o mito não ter alguns desses símbolos? Creio que não. Pois a Jornada de Arthur estaria decepada, e o mito não teria o significado e a influência que teve para a religião cristã.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Fontes Primárias:

A *DEMANDA do Santo Graal*. Organizado e atualizado do português Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. São Paulo: Antroposófica, 1995.

MALORY, Thomas. *A Morte de Artur*. Brasília, DF: Thot, 1987.

TROYES, Chrétien de. *Percival ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Fontes Secundárias:

ALMEIDA, Átila Augusto Vilar de. “A Magia de Merlim: uma interpretação a partir da literatura”. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*, Saberes e Práticas Científicas. Disponível em:

<http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400522332_ARQUIVO_Amagia_demerlim.pdf> Acesso em: 26/10/2014.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: LEACH, Edmund et alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 268-332.

BASCHEM. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. p. 62.

BARROS, José D’Assunção. “História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis”. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007, p. 11-39.

BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 93.

BLOC, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRADLEY, Marion Zimmer. *As Brumas de Ávalon: a senhora da magia*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 7-8.

BUESCO, Maria Gabriela Carvalhão. *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal*. Dissertação (Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1991, p. 21.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CANTARELLI, Raquel de Vasconcellos. *O conto maravilhoso celta e os fatores envolvidos nas transformações de sua morfologia*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

CARNEIRO, Cristina Helena. *Bruxas e Feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

CHORA, Ana Margarida. “A deusa em Camelot: o papel da mulher na concepção e evolução dos heróis arturianos”. *Medievalista Online*, n.08, jul./dez. 2010, p. 05.

COSTA, Ana Elizabeth Cavalcanti da. *Sabedoria e Magia dos Celtas: princípios do druidismo*. São Paulo: Berkana Editora, 2003.

DIRKSEN, Valberto. *Paganismo e Cristianismo em Roma no século IV*. Porto Alegre, RS: Metrópole, 2007.

DONNARD, Ana. “As fontes primárias para o estudo do mito arturiano: breves considerações metodológicas sobre a *Historia Brittonum*”. *Fontes – Série de Estudos Medievais*, v. 2, 2009, p. 1-18.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas, volume 3: de Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 105.

_____. *História das crenças e das ideias religiosas, volume 2: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 313

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 07.

_____. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 18.

FARRARESE, Lúcio Carlos. “A Transformação da Cavalaria na Idade Média: de grupo militar para grupo social dirigente”. *V Congresso Internacional de História*. Setembro 2011

FRANCO JR. Hilário. *Idade Média: O nascimento do Ocidente*. p. 196-197. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf> Acesso em: 04/10/2014.

_____. *Os três dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FRAZER, Sir James George. *O Ramo de Ouro*. [S.l.] Ed. Zahar, 1982.

FURTADO, Antonio L. *Aventuras da Távola Redonda: estórias medievais do Rei Artur e seus cavaleiros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 15.

GINZBURG, Carlo. *Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIOSA, Elenice. *Mito Arturiano e Processo de Individuação: caminhos para uma educação de Sensibilidade na relação ensino-aprendizagem de Inglês*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/gepi/downloads/RESUMO_DISSERTACOES_GEPI/2007_TESE_EL_ENICE_GIOSA.pdf> Acesso em: 29/10/2014.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1990.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

LOPES, Marcos Antônio. “Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria”. *Revista Tempo*, v. 15, n. 30, jul. 2011.

MARIANO, Vito. *A Idade Média e a Criação do Graal*. São Paulo: Scortecci Editora, 2013.

MARQUES, Diana Sofia da Silva. *Excalibur: a espada na bruma*. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira; OLIVEIRA, Terezinha. “A simbologia das armas do cavaleiro medieval presente no *Livro da Ordem de Cavalaria*, Raimundo Lúlio: a retomada saudosista da importância de enfatizar valores cristãos”. *VI Congresso Internacional de História*, Setembro/2013.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAY, Pedro Paulo. Os mitos celtas. São Paulo: Angra, 2002, p. 122.

MELETÍNSKI, Eleazar. *Os Arquétipos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p. 22.

MONGELLI, Lênia Márcia. “Apresentação: A História de Arthur além da História”. In: PYLE, Howard. *Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NOGUEIRA, Anabela Garcia Ferreira Pinto. *Roger Sherman Loomis: Uma perspectiva celtizante da literatura medieval*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literaturas Francesas), Universidade do Minho, Campus de Gualtar, Braga, 2004.

OLIVIERI, Filippo Lourenço. “Os celtas e os cultos das águas: crenças e rituais”. *Brethair*, v. 6, n. 2, 2006, p. 79-88.

PASTOUREAU, Michel. *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda* (França e Inglaterra, séculos XII e XIII). São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989.

PAZ, Demétrio Alves. *Galaaz: a cristianização do herói do graal*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira/Portuguesa). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p. 9-27.

_____. “História & literatura: uma velha-nova história”. *Nuevo mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso dia 23.05.2014.

PIRES, Carlos Alberto Carvalho. *O Simbolismo maçônico em Stonehenge*. Disponível em: <<http://www.maconaria.net/portal/index.php/artigos/192-o-simbolismo-maconico-em-stonehenge.html>> Acesso em: 27/10/2014.

POWELL, T. G. E. *Os celtas*. Lisboa: Verbo, 1974.

RALLS, Karen. *Os templários e o Graal*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 161.

ROSTOVTZEFF, Michael. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

SHARKEY, John. *Mitos Celtas: mitos, deuses, mistérios*. [S.l] Edições del Prado, 1980, p. 07.

SILVA, Diogo dos Santos. *REX QUONDAM, REXQUE FUTURUS: sobre a essência divina dos heróis*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura: Literatura Comparada). Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura: Literatura Comparada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/trabalhos/2007/diogodossantos_rexquodam.pdf> Acesso em: 29/10/2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVEIRA, Aline Dias da. “A ‘Fada Medieval’ e o Destino”. *Revista Mosaico*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2011. p. 03.

SOUZA, Neila Matias de. Lancelot e Galaaz: a representação do cavaleiro cortês e cristão no imaginário medieval (séculos XII e XIII). Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Maranhão, São Luis, 2008.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. “Tomai, todos, e comei: considerações sobre a teologia da ceia eucarística nos primeiros séculos do Cristianismo”. *VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais, I Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais*, O conhecimento do Homem e da Natureza nos Clássicos. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/84.pdf>> Acesso em: 27/10/2014.

THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VAYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZIERER, Adriana. “Arthur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas”. *Brathair*, v. 2, n. 1, 2002.

_____. “Artur como modelo régio nas fontes ibéricas medievais (Parte I): *A Demanda do Santo Graal*”. *Brathair*, v. 3, n. 2, 2003, p. 44-61.

_____. “Eleitos versus pecadores: o ideal cavaleiresco n’A *Demanda do Santo Graal*”. *Revista Crítica Histórica*, ano IV, nº 7, Julho/2013, p. 215.

_____. “O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII”. *Ciências Humanas em Revista*, São Luís, v. 3, n. 1, Julho 2005, p. 141-155.